luto e melancolia

Sigmund Freud

luto e melancolia

COSACNAIFY

Sigmund Freud

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS /

Marilene Carone

TEXTOS /

Maria Rita Kehl, Modesto Carone e **Urania Tourinho Peres**

LUTO E MELANCOLIA

APRESENTAÇÃO

Je suis le Ténébreux – le Veuf, – l'Inconsolé,
Le Prince d'Aquitaine à la Tour abolie:
Ma seule Etoile *est morte, – et mon luth constellé*
Porte le Soleil noir *de la* Mélancolie.

GÉRARD DE NERVAL

MELANCOLIA E CRIAÇÃO /
Maria Rita Kehl

A mais bela das traições

O mérito de um texto bem escrito é, sobretudo, ético: liberta o leitor. Ao contrário do que estabelece certo senso comum pretensamente científico, à complexidade conceitual de um texto não precisa, nem deve, corresponder a obscuridade da escrita. Que o digam os leitores de Montaigne, grande filósofo de "fácil" leitura, cujas amplitude e profundidade do pensamento não ficam nada a dever a seus contemporâneos. Ao contrário, com frequência Montaigne os ultrapassa.

A obscuridade de um texto revela dois problemas que em geral andam juntos: a falta de clareza do pensamento e a vontade de impressionar e (ou) de intimidar o leitor. No segundo caso, reconhecemos o artifício empregado por quem deseja dominar um campo de pensamento através da supercodificação dos conceitos, dos mais simples aos mais intrincados, de modo a criar uma língua somente para iniciados – reles estratégia de mercado utilizada para assegurar o poder dos mestres e das corporações de ensino.

A escola lacaniana, à qual me filio com esforço, sofre desse mal crônico: a dificuldade dos textos, estabelecida por seu criador e perseguida por seus discípulos como se fosse um valor intelectual, promove uma permanente disputa em torno da imprecisão e da flutuação dos conceitos. Isso ocorreu, em parte, pela dificuldade da transposição textual da fluência de Lacan nos Seminários; em parte, porque, nos *Escritos*, Lacan revela que a transmissão escrita não era seu forte.

No comentário escrito em 1987 sobre a edição brasileira de Freud, Marilene Carone refere-se ao permanente esforço de clareza empreendido pelo criador da psicanálise: se a escuta clínica fundou a nova "ciência da alma" que revolucionou o século XX, nada mais adequado à sistematização do pensamento e à sua transmissão do que construir os conceitos a partir da linguagem usada pelos pacientes para expressar suas fantasias, padecimentos e angústias. A nomeação dos conceitos psicanalíticos deve muito à "clara língua do povo", somada ao talento literário de seu criador: todos sabem que o único prêmio que Freud recebeu em vida foi o prêmio Goethe de Literatura, em 1930.

Repito, então: o efeito do límpido texto freudiano, cuja fluência foi recuperada pelo talento e pela generosidade da tradutora Marilene Carone, é libertar o leitor. O complexo edifício teórico elaborado por Freud, seu permanente esforço em questionar e ultrapassar as supostas verdades estabelecidas pelo senso comum – O que é sofrer? Em que consiste a dor do enlutado? O que caracteriza a angústia? etc. – não precisam nos obrigar a interromper a leitura, a cada frase, com a humilhante

sensação de não ter entendido – não o conceito (que de fato exige repetidas releituras) – mas sim, afinal de contas: o que é mesmo que está escrito ali? Freud não escreve com o intuito de mostrar-se superior a seus leitores: escreve para comunicar, entusiasmar, convencer.

A palavra entusiasmo serve bem para esclarecer a impressão do leitor ante uma boa tradução de Freud. Sua escrita revela, a um só tempo, incansável esforço investigativo aliado ao frescor de cada descoberta e à alegria de compartilhar seu tesouro científico. O que as boas traduções atuais de Freud para o português nos ajudam a entender é que, ao menos no campo das ciências do homem, não existe incompatibilidade entre o valor científico e a expressão literária de uma descoberta. Se "um significante representa o sujeito (ou a coisa, a ideia, o conceito...) para outro significante", não há meios de nomear uma descoberta a não ser pelo recurso literário da metáfora ou da metonímia. Mais forte será o autor que melhor dominar o uso da língua. A "clara língua do povo" é toda construída e inventada a partir de recursos assim. Ela tem a agilidade que lhe permite modificar-se ao longo do tempo, no plano que Ferdinand de Saussure chamou de *diacrônico*, em função das soluções encontradas, improvisadas, roubadas de outros territórios, para satisfazer novas necessidades expressivas dos diferentes grupos sociais.

Mesmo quem nunca leu *Luto e melancolia* há de reconhecer, por exemplo, a beleza e a força de expressões como: "o complexo melancólico se comporta como uma ferida aberta". Ou a famosa: "a sombra do objeto caiu sobre o ego" – tantas vezes

repetida até por quem nunca parou para refletir sobre ela. Ou ainda, na presente tradução, o engenhoso achado de Carone, baseado nas modulações da palavra alemã *Klage* (queixa ou acusação): para o melancólico, "queixar-se é dar queixa". A lamentação que caracteriza a melancolia deve ser entendida (eis aí um exemplo da fina escuta freudiana) como uma acusação contra alguém, um *outro* que o doente não é capaz de identificar.

O belo texto e a boa tradução libertam porque possibilitam ao leitor a experiência prazerosa (o que não é absolutamente secundário) de uma leitura fluente. Fazer-se entender é um dos critérios epistemológicos da boa comunicação científica. O texto bem escrito liberta porque não oprime além do necessário aquele que se encoraja a atravessar o umbral que separa as ideias feitas para o uso cotidiano e as da investigação científica, filosófica, poética. Simples assim.

O melancólico freudiano

Todos os dias que depois vieram eram tempo de doer. Miguilim tinha sido arrancado de uma porção de coisas, e estava no mesmo lugar. Quando chegava o poder de chorar, era até bom – enquanto estava chorando parecia que a alma toda se sacudia, misturando ao vivo todas as lembranças, as mais novas e as muito antigas. Mas, no mais das

horas, ele estava cansado. Cansado e como que assustado. Sufocado. Ele não era ele mesmo. Diante dele, as pessoas perdiam o peso de ser. Os lugares, o Mutum – se esvaziavam, numa ligeireza, vagarosos. E Miguilim se achava mesmo diferente de todos.

JOÃO GUIMARÃES ROSA
["Campo Geral", *Manuelzão e Miguilim*]

Luto e melancolia é o último da série de textos resultantes do grande esforço teórico a que Freud batizou de "metapsicologia". Desde que estreou com *A interpretação dos sonhos*, em 1900, Freud já mostrava empenho em compreender as expressões patológicas ou normais da alma humana com base na inter-relação entre os três planos – tópico, dinâmico e econômico. Mas foi entre 1914 e 1915 que ele produziu a série de ensaios de metapsicologia, que começa na *Introdução ao narcisismo* e se estende até *Luto e melancolia*, passando pela investigação das pulsões, da natureza do recalque e do funcionamento do sistema inconsciente.

Embora a psicanálise não tenha sido construída – e nem poderia – em uma linha evolutiva sem desvios,[1] o leitor da

1 / *Os dois princípios do funcionamento mental*, por exemplo, de 1910-11, pode ser entendido como um esboço metapsicológico sobre a constituição do sujeito para a psicanálise freudiana.

obra freudiana há de perceber o percurso conceitual que ali se desenha. A aposta iluminista que orientou a invenção da psicanálise como método investigativo e a consequente descoberta do inconsciente e suas diversas formações, patológicas (angústias, inibições, sintomas) ou cotidianas (sonhos, chistes, poesia), fez com que Freud prestasse conta a seus leitores a cada mudança ou avanço teórico empreendido. Isso possibilita que o leigo ou o estreante compreendam, com um pouco de esforço e paciência, alguns textos lidos ao acaso, fora da ordem cronológica em que foram produzidos. É possível tirar algum proveito, por exemplo, da leitura do difícil e ousado *Além do princípio do prazer*, de 1920, sem ter sido iniciado a partir do livro inaugural de 1900. É possível entender em que consiste o complexo de Édipo a partir dos textos dos anos 1910, sem ter lido os *Três ensaios para uma teoria sexual*, de 1905. Em uma leitura menos rigorosa, é possível acompanhar os relatos clínicos de Freud sem o conhecimento dos textos que estabelecem os alicerces teóricos da recém-fundada psicanálise.

O fato é que o entendimento do projeto freudiano se aprofunda e se amplia à medida que se acompanha, mais ou menos pela ordem, um conjunto de ensaios nos quais Freud está empenhado em resolver um problema específico. No presente caso, a investigação da psicose batizada por Kraepelin em 1883 de "maníaco-depressiva", que Freud trouxe para o campo da psicanálise em *Luto e melancolia*, não teria sido possível antes do desenvolvimento das ideias expostas em *Introdução ao narcisismo* e *As pulsões e seus destinos*, ambos de 1914, ou ainda, se

não tivesse o apoio conceitual estabelecido em *O recalcamento*[2] e *O inconsciente*, ambos de 1915.

Hoje nos parece óbvio que a teoria da melancolia tenha conduzido a textos como *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, do mesmo ano, uma investigação filosófico-científica sobre a desilusão (melancólica) que a Primeira Guerra trouxe para os habitantes das supostas civilizações evoluídas do Ocidente. Estamos diante de um percurso de pensamento que hoje nos parece ter sido destinado a desaguar, em 1920, na importante revisão da teoria pulsional expressa em *Além do princípio do prazer*, em que a antiga oposição entre pulsões do ego e pulsões sexuais foi substituída pelo conflito – mas também por variadas soluções combinatórias – entre pulsões de vida e pulsão de morte. A partir desse ponto, tornou-se impossível refletir sobre psicopatologia sem levar em consideração o trabalho da pulsão

2 / As novas traduções de Freud para o português, tanto a de Marilene Carone quanto a de Paulo César de Souza, estabelecem o termo *repressão* como tradução exata da palavra alemã *Verdrängung*. Embora seja forçada a reconhecer a exatidão dessa escolha, tomo a liberdade de manter as palavras *recalcamento* e *recalque,* tais como consagradas na França pelo *Vocabulário de psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1967) [ed. bras., São Paulo: Martins Fontes, 1979], para designar a operação que exclui uma representação do domínio da consciência e a mantém no sistema Inconsciente. Em português, como em francês, a palavra *repressão* tem sido utilizada para designar uma operação interpsíquica, ou seja, o efeito da interdição imposta por alguém, ou pelas normas sociais, contra a execução de atos cuja representação nem por isso fica impedida de chegar à consciência. No presente texto, mantenho a palavra repressão nas citações da atual tradução brasileira.

de morte, que, por sua vez, já estava em gestação desde a teoria da melancolia.

Entre as ideias que prepararam terreno para *Luto e melancolia* vale destacar, de *Introdução ao narcisismo*, a importante constatação de que o autoerotismo precede o narcisismo. Nos primeiros meses de vida, o bebê ainda não constituiu "uma unidade primitiva comparável ao eu".[3] Seu corpo é sede de experiências fragmentadas de prazer, que aos poucos organizam os investimentos pulsionais e permitem aquilo que, no texto seguinte a este, Freud haverá de estabelecer como a possibilidade de reversão da pulsão, desde o objeto-alvo (não encontrado, ou não satisfatório), de volta ao eu. O autoerotismo participa dos modos de satisfação da libido do eu. É claro que a criança não é autossuficiente no desenvolvimento do autoerotismo. A mãe ou um substituto seu representam para a criança esse Outro superpoderoso que também haverá de comparecer, *de forma negativa*, na origem das melancolias. É ela quem erotiza, com seus cuidados (a começar pela amamentação), o corpo do *infans*, e colabora para estabelecer os caminhos de satisfação pulsional que o bebê saberá, *faut de mieux*, percorrer por conta própria ao sugar o polegar, balançar-se no berço ou, meses mais tarde, tocar seus genitais.

---

3 / Sigmund Freud, *Introdução ao narcisismo* [1914], in *Obras completas*, v. 12, trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 18.

Mas o autoerotismo ainda não é igual ao narcisismo do eu: um novo ato psíquico deve ocorrer para que a tal unidade primitiva se forme e para que a criança se identifique com ela, ou seja, com seu próprio eu. Além da satisfação libidinal autoerótica, o *infans* haverá de identificar-se com o objeto privilegiado que ele representa frente ao amor e ao desejo de seus pais. A partir desse ponto, está estabelecida a base para a formação da unidade do ego freudiano, fonte de investimento libidinal (a partir de 1915, diremos: pulsional) e dessa forma particular de amor a que chamamos narcisista. Nesse ponto da constituição psíquica, Freud haverá de encontrar, em 1915, a relação narcísica com um objeto frustrante que marca a estrutura da melancolia.

O narcisismo primário forma a base para o narcisismo secundário, vulgarmente conhecido como a dose essencial de estima que o ego dedica a si mesmo. O qual, por sua vez, é tributário das desilusões sofridas pelos pais em relação às suas próprias fantasias narcisistas: os filhos representam uma renovação das velhas esperanças infantis dos adultos, contrariadas pela realidade da vida. Outra parte do narcisismo secundário resulta de suas eventuais experiências exitosas – tanto no sentido dos investimentos em direção aos ideais do ego quanto nas buscas de satisfação da libido objetal. O maior ou menor êxito na constituição do narcisismo secundário varia, a depender de que os investimentos objetais estejam ou não em sintonia com os ideais do ego – caso contrário, estes ficarão sujeitos ao recalque. A vicissitude bastante comum de se desejar o que não se deve, o que não se pode, o que não contribui para a valorização do ego, contribui decisivamente para a diminuição da autoestima

dos neuróticos, quando não conduz a inibições que impedem os caminhos de desenvolvimento do ego, ou a soluções de compromisso sintomáticas.

As reflexões de Freud sobre o narcisismo produziram uma importante mudança de enfoque na teoria. O papel dos obstáculos que o princípio de realidade impõe à plena satisfação dos impulsos do bebê passou a uma posição secundária frente à questão da perda do narcisismo primário. A paixão por "voltar a ser seu próprio ideal mais uma vez" será mais decisiva para a escolha de neurose que conclui a travessia edípica do que a frustração do impulso sexual propriamente dito, em relação à mãe. Vale observar também que essa inflexão teórica será um dos pontos decisivos para o "retorno a Freud", efetuado por Lacan.

Na obra freudiana, a retomada da ênfase sobre a questão do narcisismo amadurece exatamente em *Luto e melancolia*. A falha na constituição do narcisismo primário estabelece uma distinção entre a "neurose narcísica" da melancolia e o sofrimento que caracteriza o trabalho de luto. O trabalho psíquico empreendido pelo enlutado, embora empobreça o ego e torne o sujeito inapetente para quaisquer outros investimentos libidinais, pode ser considerado um trabalho da ordem da saúde psíquica. É um trabalho de paulatino *desligamento* da libido em relação ao objeto de prazer e satisfação narcísica que o ego perdeu, por morte ou abandono.

Ter sido arrancado de uma porção de coisas sem sair do lugar: eis uma descrição precisa e pungente do estado psíquico do enlutado. A perda de um ser amado não é apenas perda do objeto, é também a perda do lugar que o sobrevivente ocupava

junto ao morto. Lugar de amado, de amigo, de filho, de irmão. Com a morte de Dito, Miguilim perdeu também o lugar que ocupava no afeto daquele irmão querido. Ou melhor: foi arrancado brutalmente daquele lugar; entretanto continuava ali, na casa de sempre, no Mutum onde nasceu e que agora lhe pareciam estranhos, vazios de interesse e de alegria.

Mas é normal, escreve Freud, que o apego do enlutado ao seu morto diminua aos poucos, e que a "psicose alucinatória de desejo" – um conceito estabelecido no texto imediatamente anterior ao nosso, o *Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, também de 1915 – ceda lugar à aceitação da realidade. Embora a libido tenha enorme resistência em abandonar posições prazerosas já experimentadas, aos poucos a ausência do objeto impõe o doloroso desligamento, até que o ego se veja "novamente livre e desinibido", pronto para novos investimentos. Pronto para voltar a viver.

Freud revela nesse texto uma disposição investigativa inesgotável. Nada, para ele, é tomado como natural, nada escapa ao seu questionamento. Mesmo que o trabalho de luto seja uma função psíquica normal, não patológica; mesmo que a dor causada pela perda de um objeto de amor nos pareça totalmente compreensível, Freud não se dá por satisfeito. O aspecto doloroso do luto só será esclarecido, escreve ele, quando a dor for explicada do ponto de vista econômico, tal como o autor já havia esboçado em *A repressão*.

Mais difícil é entender o que ocorre com os melancólicos, estes que desconhecem tanto a natureza do objeto perdido como a origem da perda. Mesmo quando sabem nomear a quem per-

deram, não sabem dizer *o que* foi perdido junto com o objeto. A observação clínica nos sugere que uma posição da libido nos primórdios da vida psíquica tenha sido abandonada, ou perdida.

Freud estranha também que falte ao melancólico o sentimento de vergonha comum aos arrependidos, aos que de fato se consideram indignos e sem valor. Se estes se escondem e tentam fazer calar sua culpa e seu crime, os melancólicos parecem sentir necessidade de alardear suas baixezas e sua indignidade. Debatem-se em autoacusações delirantes sem saber que os insultos furiosos voltados contra si próprios em verdade correspondem às características de alguma outra pessoa – daí a força da expressão encontrada por Marilene Carone: "para eles, queixar-se é dar queixa". Se "a sombra do objeto" encobre o ego, isso indica a base narcísica do investimento (forte fixação; baixa resistência) e a identificação precoce do ego com o objeto perdido. A superposição desses dois aspectos traz à luz todos os tormentos característicos da ambivalência amorosa, que nos melancólicos é experimentada com grande intensidade.

Mas a identificação narcísica ainda não é suficiente para explicar o furor das autoacusações melancólicas que podem atingir o paroxismo quando o sujeito, ao tentar destruir o objeto odiado de sua identificação inconsciente, pode chegar a destruir a própria vida. O "autotormento indubitavelmente deleitável da melancolia" aponta para uma modalidade sádica de satisfação pulsional, cuja natureza exige uma explicação do ponto de vista tópico. A satisfação sádica em insultar e humilhar o ego provém de uma de suas funções específicas, a consciência moral ou (como ficará estabelecido depois de 1920, em *O ego e o Id*) o superego. Ora, o

sadismo do superego não caracteriza exclusivamente a melancolia. Ele comparece também, por exemplo, nas manifestações de masoquismo moral dos neuróticos obsessivos. Se, na melancolia, ele se manifesta com muito mais crueldade, isso se deve também à desfusão entre Eros e Tânatos, que libera o gozo da pulsão de morte do limite imposto pelos investimentos parciais efetuados pelas pulsões de vida. Mas esse ponto só poderia ser explicado depois de *Além do princípio do prazer*, escrito também em 1920.

Até aqui, Freud considera que não temos elementos suficientes para caracterizar a melancolia. Ambivalência, sadismo do superego, identificação narcísica inconsciente com o objeto odiado ainda não são suficientes para caracterizar o *complexo* melancólico. Este deve incluir, além do polo depressivo, a contrapartida inevitável da mania. Mesmo os mais graves episódios de tormento melancólico tendem a desaparecer depois de algum tempo e dar lugar a um estado de humor radicalmente oposto, a mania. A mania não determina o fim da melancolia; ela é apenas o outro polo dessa "loucura cíclica" a que hoje a psiquiatria chama de depressão *bipolar*. Durante o episódio melancólico, inúmeras batalhas se travam entre o impulso para abandonar o objeto e o seu oposto, a tendência da libido em se manter ligada a ele. O palco dessas batalhas é o inconsciente, "reino dos laços mnêmicos de coisas" – tal concepção da natureza da marca inconsciente esteve esboçada desde *A interpretação dos sonhos* e foi concluída em *O inconsciente* (1915), anterior a *Luto e melancolia*.

O desligamento efetuado nos casos de luto também é inconsciente, mas não há obstáculos a que seu resultado chegue à consciência. O enlutado consegue pensar que está menos triste,

consegue admitir o paulatino desapego do objeto perdido. Na melancolia a batalha é mais acirrada em função da ambivalência, que "pertence em si mesma ao reprimido". Quando a libido finalmente se desliga do objeto amado/ odiado, o aspecto narcísico da relação primitiva faz com que ela retorne não a outro objeto qualquer, mas ao próprio ego, que é subitamente revitalizado pelo retorno da libido. A esse aspecto econômico, acrescentemos os aspectos tópico e dinâmico do triunfo do ego sobre o objeto que o subjugava, objeto que permanece tão inconsciente e enigmático para o ego quanto no período melancólico. O montante de energia disponível, somado ao alívio de ter se livrado (temporariamente) da identificação com o objeto odiado, explicam a alegria exacerbada, a excitação, o excesso de autoconfiança e a hiperatividade irrefletida a que o melancólico se entrega nos períodos de mania. A força do retorno da libido ao ego lembra as manifestações de retorno do reprimido. Daí as manifestações desmesuradas ou antissociais da mania.

É no mínimo intrigante que Freud tenha dedicado tão pouco espaço de reflexão à fase de mania e que não tenha se debruçado sobre os diferentes conteúdos qualitativos da crise maníaca. Freud termina o texto com breves considerações sobre a mania, sem buscar explicar o sentido de suas manifestações que afinal variam de um sujeito a outro, a depender do acervo de representações inconscientes de cada um.

No que diz respeito à clínica da melancolia, me parece que a psicanálise depois de Freud pouco discutiu sobre a possibilidade de o sujeito estabelecer destinos sublimatórios para tais excessos pulsionais. Mas é justamente por essa via, a da subli-

mação do excesso pulsional disponível nos episódios de mania, que se poderia conciliar a teoria freudiana da melancolia com a antiga tradição que relaciona o melancólico ao "homem de gênio". Talvez a mania nos ajude a entender a relação estabelecida, desde a Antiguidade clássica, entre melancolia e gênio criador.

A melancolia na tradição do pensamento ocidental

> *Mas muitos, pela razão de que o calor se encontra próximo do lugar do pensamento, são tomados pela doença da loucura ou do entusiasmo.*
> *O que explica as Sibilas, os Bakis, e todos os que são inspirados, quando eles assim se tornam não por doença, mas por mistura de sua natureza.*
> *E Maracus, o Siracusiano, era ainda melhor poeta nos seus acessos de loucura.*
>
> ARISTÓTELES
> ["O homem de gênio e a melancolia". *Problema XXX, 1*]

Por que Freud teria escolhido o significante "melancolia" quando decidiu desafiar a psiquiatria de sua época e arriscar uma abordagem psicanalítica para a chamada psicose maníaco-depressiva? Como europeu culto que foi, Freud certamente não ignorava a longa tradição ocidental que relacionava o hu-

mor oscilante dos melancólicos a um traço de genialidade. Homem de gênio, poeta, criador, homem destinado a trazer sobre os ombros o *sentimento do mundo*, de humor oscilante, dado a extremos. Freud não faz nenhuma menção à longa história do pensamento que articulou a melancolia – ou seu polo antípoda, a mania – à criação e ao gênio poético.

É fato que as oscilações do humor melancólico descrita pelos antigos lembram as que atormentam os "psicóticos maníaco-depressivos". É provável, então, que em função dessa analogia Freud tenha escolhido a antiga e também romântica designação de melancolia para estabelecer uma distinção entre a abordagem psicanalítica da doença e aquela já consagrada pela medicina do século XIX.

Mas esse engenho nosográfico teve um preço alto: a perda da longa e rica tradição que vinculava as expressões da melancolia – ou talvez mais particularmente, da mania – às grandes tarefas do pensamento, à posição de exceção ocupada por alguns sujeitos no laço social, às manifestações da cultura e, acima de tudo, ao enigma da criação estética. O século XIX foi marcado pela consolidação da hegemonia da vida privada sobre a vida pública, que se completou nas primeiras décadas do século XX. Como homem de seu tempo e investigador do sofrimento de seus contemporâneos, Freud privatizou a melancolia[4] ao trazê-

4 / Maria Rita Kehl, *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009, passim.

-la, da tradição de pensamento que vinculava o melancólico ao campo da arte e da vida pública, para o laboratório fechado da observação psicanalítica, a vida familiar.

O melancólico freudiano perdeu a grandeza que lhe atribuíam os antigos e os românticos, e acabou por tornar-se tão mesquinho, antipático e indigno como se descreve em suas monótonas autoacusações:

> Quando, em uma exacerbada autocrítica, ele se descreve como um homem mesquinho, egoísta, desonesto e dependente [...] talvez a nosso ver ele tenha se aproximado bastante do autoconhecimento, e só nos perguntamos por que é preciso adoecer para chegar a uma verdade como essa.[5]

Doença e verdade: eis um tema da modernidade. Quase um lema para um filósofo como Nietzsche, contemporâneo com quem Freud adivinhava ter tantas afinidades que não conseguiu superar a resistência em ler sua obra. A verdade da doença remete ao saber inconsciente, o qual, por sua vez, poderia fornecer indicações a respeito do talento criador que caracteriza a versão aristotélica da melancolia.

"Por que todo ser de exceção é melancólico?" pergunta Aristóteles no texto a ele atribuído – *Problema XXX, 1* sobre "O homem de gênio e a melancolia". Teriam sido melancólicos os heróis Ajax, Hércules e Belerofonte, assim como supostamente

5 / S. Freud, *Luto e melancolia*, pp. 43-87

Sócrates e Platão. Teriam esses personagens, imaginários ou reais, sido vítimas de uma doença da alma causada pelo desequilíbrio da bile negra, que traria excesso de secura e de ventos ao corpo. Em sua *Ética a Nicômaco*, Aristóteles teria descrito como melancólico aquele que "se encontra sem cessar em estado de desejo violento". Se houver alguma correspondência aqui com a melancolia freudiana, só podemos encontrá-la na descrição da fase maníaca, não na do delírio de indignidade e na apatia melancólica. Mas a contrapartida da melancolia em Freud não traz a marca da genialidade criadora que os antigos atribuíram a ela.

Galeno escreveu sobre a melancolia: "As potências da alma são consequência das misturas do corpo".[6] As "misturas do corpo" referem-se à teoria dos humores, que dominou a medicina ocidental desde a Antiguidade clássica até o século XVII. Baseados na física aristotélica, segundo a qual o universo é composto de quatro elementos – água, terra, fogo e ar –, Hipócrates e Galeno fizeram corresponder, por analogia, os quatro humores presentes no corpo humano: o sangue (doce e quente), a fleugma (fria e úmida), a bile amarela dos coléricos (quente e seca) e a bile negra dos melancólicos (fria e seca). Até hoje a designação de sanguíneos, fleugmáticos, coléricos e melancólicos

6 / Citado na introdução de Jackie Pigeaud a Aristóteles, *Problema XXX*, trad. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998, p. 66.

é utilizada de forma leiga para descrever diferentes constituições físicas e de personalidade. Para a medicina antiga, o predomínio de um desses humores sobre os outros três determinaria o "temperamento" do indivíduo e sua propensão a um daqueles quatro tipos de patologia. Os humores seriam também regidos por planetas, sendo Saturno, o último planeta visível a olho nu – o mais distante e isolado que os antigos conheciam –, aquele que rege a Melancolia. É importante considerar que a doença, aqui, não era entendida como um defeito da personalidade nem como um erro da vontade do doente, mas como consequência do acaso, explicável pela posição dos astros no momento de seu nascimento.

O desequilíbrio causado pelo excesso da bile negra torna o melancólico propenso a ser, "quase no mesmo instante muito quente e muito frio". Mas é essa mesma possibilidade (que ele não escolheu) de habitar extremos que torna o melancólico aberto à criação poética. Ou seja: a "tornar-se outro" (Aristóteles) – como Madame Bovary, de Flaubert! Esse era o modo como os antigos entendiam a capacidade do poeta de inventar o que não existia. O outro modo de "tornar-se outro" seria a loucura.

Por isso, para dominar esse *outro* que os habitava, alguns melancólicos, da Antiguidade até o apogeu da Era Moderna, vieram a público descrever sua experiência, ou escrever a partir dela. Vem daí a importância do papel representado pelo melancólico, como um sujeito que *teria perdido seu lugar no laço social* e sente necessidade de reinventar-se, no campo da linguagem. Essa perda de lugar pode ocorrer quando o sujeito não se sente capaz de adaptar-se às exigências do Outro – é o caso da rela-

ção de alguns anacoretas da Idade Média com as mais elevadas exigências do ideal cristão.[7] Ou então, como entre os melancólicos do Renascimento ou do Romantismo setecentista, porque o mundo em torno deles se transformara depressa demais.[8] Essa perda de lugar gerava no melancólico uma necessidade excepcional de refletir ou de criar uma obra capaz de reinventar a ordem do mundo, para que contemplasse sua excentricidade. A reflexão clássica sobre a melancolia é indissociável de uma reflexão sobre a *poiesis*; na atualidade, traria também questões a respeito do que chamamos de sintoma social.

Menciono um melancólico que registrou seu sofrimento em língua portuguesa.

O rei português dom Duarte, um dos cinco filhos de dom João I, sofreu de "humor menencorico" durante três anos em sua juventude, vinte anos antes de assumir a Coroa. Com o opúsculo *Leal conselheiro*, as reflexões de dom Duarte sobre os mais variados temas da vida cotidiana inauguram o século XV português.[9] No capítulo sobre a melancolia, o autor expõe com

---

7 / Ver, por exemplo, as representações medievais de Santo Antão (Santo Antônio), o santo representado como um melancólico, atormentado por não se sentir capaz de enfrentar as privações que a vida de eremita, dedicada a Deus, exigia dele. In M. R. Kehl, op. cit., pp. 66-67.

8 / Sobre o Renascimento e a Modernidade, id. ibid., pp. 68-80.

9 / Dom Duarte, *Leal conselheiro* e *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela* [c. 1413], 2ª ed., seleção e notas de F. Costa Marques. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1973. O organizador discute se a prosa dos príncipes de Avis, no início do século XV, anuncia o Renascimento português ou ainda caracteriza a Alta Idade Média na península.

detalhes a crise que o tornou inapetente para o exercício do poder e para encabeçar as lutas e conquistas empreendidas por seu pai: o receio constante da morte o levara a refletir com tristeza sobre a brevidade da vida presente.

> E aquel pensamento entrou em meu coraçom, que per seis meses hum pequeno spaço nunca o del pude afastar, tirando-me todo prazer e acrescentando-me a maior tristeza, segundo meu juízo, que aver podia. [...] E por tal temor se pode bem dizer o dicto do Gatom: "quem teme a morte, perde quanto vive".[10]

Na Inglaterra do século XVIII Robert Burton, teólogo e bibliotecário de Oxford, tomou como ponto de partida sua própria tendência ao isolamento e à autorreflexão para escrever uma exaustiva *Anatomia da melancolia*, obra em que pretendeu coletar tudo o que se sabia até então sobre os sintomas da melancolia, seus fatores agravantes e os caminhos para sua cura. O pseudônimo adotado por Burton, Demócrito Junior, faz homenagem a Demócrito, o melancólico celebrizado na Antiguidade em uma das *Cartas* atribuídas a Hipócrates, em que o médico descreveu o comportamento daquele homem excêntrico, retirado do convívio dos homens, que gostava de dissecar os animais e tinha por princípio não levar nada a sério. Um melancólico que ri de tudo não é tão contraditório quanto parece: o riso de Demócrito indicava sua descrença, seu desapego em relação a tudo

---

10 / Id. ibid., pp. 51-52.

que seus semelhantes valorizavam. As observações atribuídas a Hipócrates ficaram famosas principalmente no ponto em que o médico afirma a dificuldade de se distinguir entre a sabedoria e a loucura.

É importante considerar, como aponta Jackie Pigeaud, que a reflexão atribuída a Aristóteles no *Problema XXX* sobre "O homem de gênio e a melancolia" é menos uma teoria médica do que uma reflexão estética sobre o talento criador.

> É uma resposta à questão da *Poética* antiga, que ilustra o tema da inspiração, palavra que se nos tornou puramente convencional, e uma maneira de afastar o problema que tanto excitou os Antigos: como da violência ela produz um sentido? Como da força chega ela à coerência? Como, com o dom, fazer o ser?[11]

Freud teve a elegância de se recusar a patologizar a inclinação de algumas pessoas excepcionais à criação artística: para ele, a psicanálise não teria nada a dizer a respeito do talento criador. Seu belo *Luto e melancolia* representou, por um lado, um avanço em relação à compreensão médica da psicose maníaco-depressiva; por outro, uma ruptura com a longa tradição que associava a melancolia à criação artística, às personalidades de exceção e, no polo oposto/complementar a esse, às expressões do sintoma social. Talvez tenha faltado a Freud debruçar-se sobre a fase de mania com o mesmo interesse que dedicou

---

11 / J. Pigeaud, op. cit., p. 48.

à da melancolia. O melancólico aristotélico era dotado de um impulso forte, capaz de "atirar longe para acertar o alvo".[12] Se essa força do impulso corresponde à ânsia da libido liberada na fase maníaca, faltou à reflexão freudiana alguma consideração sobre o alvo: na clínica da melancolia, será o sujeito capaz de intentar novos destinos pulsionais para não reduzir a mania a um período de investimentos cegos, loucos? Será o melancólico de nossa clínica cotidiana capaz de *sublimar* uma parte do "estado violento de desejo" que se apodera dele no ciclo maníaco? Seremos nós, analistas, capazes de escutar as intensas expressões de alívio daquele que se vê provisoriamente liberado da batalha inconsciente em torno do objeto amado/odiado, de modo a permitir que ele dê à sua excitação algum destino que construa outro sentido para sua falta a ser?

Por fim, vale observar que as agudas observações clínicas de Freud, em *Luto e melancolia*, encerram o longo período em que o significante "melancolia" esteve associado a diferentes expressões do sintoma social. Mas a clínica da melancolia não esgota, para a psicanálise, o campo das patologias da tristeza. Penso que, hoje, o lugar de sintoma social que se perdeu na teoria da melancolia retorna, a exigir a atenção do psicanalista, na clínica das depressões. Mas a discussão das depressões foge do alcance do presente texto freudiano. Por ora, fiquemos com a riqueza teórica e – por que não? – poética de *Luto e melancolia*.

12 / Aristóteles, op. cit., pp. 49-50.

MARILENE CARONE, TRADUTORA DE FREUD /

Modesto Carone

Marilene Carone (1942-1987) empenhou-se, nos anos 1980, num projeto de envergadura: retraduzir Freud no Brasil. O rumo para essa decisão foi rápido e seguro, como costumavam ser suas intervenções intelectuais. O ponto de partida foram os seminários sobre a teoria freudiana que organizava em seu consultório de psicanalista em São Paulo. Diante da irresponsabilidade propriamente selvagem das traduções aqui perpetradas, ela passou – com as vistas voltadas para o original alemão e a *Standard Edition* inglesa – à crítica das *Obras completas* tal como então publicadas pela editora Imago. Em três ensaios incisivos – dados a público no Folhetim da *Folha de S.Paulo*, depois reunidos no livro *Sigmund Freud e o gabinete do dr. Lacan*[1] e editados, em francês e inglês, na *Revista Internacional*

1 / Coletânea de ensaios de Peter Gay, Philip Rieff, Richard Wollheim e artigos de Jean Maugüé, Marilene Carone e Paulo César de Souza (org.). São Paulo: Brasiliense, 1989.

de História da Psicanálise[2] – Marilene aliou com naturalidade o conhecimento de causa ao brilho da exposição (onde não falta o humor com que assinala as depredações feitas pelos tradutores pátrios) na tarefa básica de pôr a nu o desserviço dessas versões destinadas, por ironia involuntária, aos profissionais da saúde mental no país. Foi nessa mesma época que começou a elaborar as traduções comentadas de textos importantes de Freud: *A negação*, divulgado pela revista *Discurso* (n. 15, 1983), do Departamento de Filosofia da USP, este *Luto e melancolia*,[3] minuciosamente anotado, e as *Conferências introdutórias à psicanálise*, de seiscentas páginas, que veio a concluir na Alemanha, durante uma estada no Colégio Europeu de Tradutores de Straelen, meio ano antes de falecer.

O mérito objetivo da crítica de Marilene aos maus-tratos infligidos ao Freud teórico e escritor é amplo, na medida em que evolui de uma análise de texto implacável para uma visão dos problemas culturais brasileiros na área psicanalítica. Suas traduções, por outro lado, seguem um curso original, pois uma de suas primeiras cautelas é desentranhar, dos escritos de Freud, uma teoria da linguagem, segundo a qual o criador da psicanálise preenche de conteúdos novos palavras antigas, reconhecí-

---

2 / *Revue Internationale de l'Histoire de la Psychanalise*, n. 4, 1991, Paris: PUF, pp. 357-93.

3 / Originalmente em *Gesammelte Werke*, vol. 10 (1915-1917), Londres, 1940, com a colaboração da princesa Marie Bonaparte e publicado por Anna Freud, Edward Bribing e Ernst Kris.

veis no "modo popular" de dar nome às coisas. Vem daí sem dúvida a preocupação de fazer justiça, na língua de chegada, à escrita de um clássico que recebeu o Prêmio Goethe de Literatura. Sob esse prisma, Marilene foi uma tradutora ideal de Freud, uma vez que o domínio do idioma alemão – que aprendeu na Universidade de Viena para acompanhar as aulas sobre psicanálise oferecidas pela Faculdade de Medicina daquela cidade – estava associado à experiência clínica e a uma educação literária consistente, que vinha dos tempos do colégio, quando foi aluna de Edith Pimentel Pinto e lia a *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido. Circunstâncias como essas esclarecem por que nos seus trabalhos ela é capaz de fazer Freud *falar*, com rigor conceitual, um português elegante, fluente e preciso, que suprime as marcas usuais da passagem de uma língua para outra. *Luto e melancolia* é uma prova disso. A homenagem prestada pela revista *Novos Estudos Cebrap* a Marilene Carone com esta publicação,[4] a que agora a editora Cosac Naify dá a dimensão de livro, torna mais evidente a falta que a psicanalista e tradutora tem feito no convívio intelectual brasileiro.

---

4 / Originalmente publicado em *Novos Estudos Cebrap*, n. 32, São Paulo, mar. 1992.

INTRODUÇÃO / Marilene Carone

A ideia de apresentar uma amostra de tradução de Freud, aqui representada pelo texto *Luto e melancolia* (1917), responde a uma dupla finalidade: oferecer uma tradução desse texto a partir do original alemão – tradução que nesse sentido é inédita em português (a versão da editora Imago foi realizada a partir do inglês[1]) – e abrir um espaço para a discussão da questão da tradução de Freud no Brasil.

Na literatura psicanalítica mais recente, vem aumentando o número de trabalhos publicados sobre a vasta problemática que envolve a tradução de Freud. A maioria dos estudos publicados nos últimos anos tem se focalizado numa análise da versão inglesa *Standard Edition* mostrando, nesse caso particular, o

1 / *Luto e melancolia* circula hoje na edição Standard a que Marilene Carone se referiu, e também com nova tradução, feita a partir do alemão, pela mesma editora Imago. Outra tradução do original, feita por Paulo César de Souza, está disponível em Sigmund Freud, *Obras completas*, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. [N.E.]

quanto ela foi norteada pela concepção pessoal de James Strachey a respeito da teoria psicanalítica, e trazendo à tona seus conceitos (e preconceitos) teóricos e seu gosto pessoal em matéria de estilo e linguagem científica.

A nosso ver, qualquer tradução – na medida em que, como a análise, envolve também um trabalho de interpretação de texto – pode e deve almejar a neutralidade, embora seja claro que tanto uma quanto outra atividade jamais estará isenta de manifestar, pelo seu resultado concreto, a formação profissional, teórica e técnica e o estilo pessoal de quem a realiza. Essa relatividade, necessária e inevitável, não pode ser, no entanto, um impedimento para a crítica. *Traduttore, tradittore*, é verdade, mas há muitas formas de traduzir e de trair, algumas gravíssimas e de pesadas consequências. No caso particular de Freud, acreditamos que a margem de liberdade do tradutor deve se deter diante de alguns limites: há no texto de Freud conceitos e formulações básicas que não prescindem de um tratamento rigoroso, preciso e homogêneo, sob pena de deturpar seriamente o pensamento do criador da psicanálise. É o caso, para dar um exemplo, do uso de sinônimos com relação a termos técnicos (ver "Discussão de algumas divergências", nas páginas 88-95, os comentários sobre os termos "compromisso", "instância", "regredir" e "disposição").

O cotejo de palavras e expressões que apresentamos no final entre a nossa proposta de tradução, a versão brasileira (*Standard brasileira* – S.B.), a versão inglesa e o texto original de Freud (*Gesammelte Werke* – G.W.) visa proporcionar ao leitor uma ideia mais concreta dos nossos pontos de vista e sobretudo estimular a reflexão sobre essa problemática, ainda pouco debatida entre nós.

As notas de rodapé são do próprio Freud, do tradutor inglês James Strachey ([N. T. I.]) e da tradutora ([N. T.]). Os comentários entre colchetes nas notas de Freud são do tradutor inglês, e as letras entre colchetes se referem a termos que serão discutidos em *Discussão de algumas divergências*. Por fim, agradeço à colega Maria Elena Salles as sugestões e colaboração no cotejo com a versão inglesa.

LUTO E MELANCOLIA

1 / O termo alemão *Trauer*, como o inglês *mourning*, pode significar tanto o afeto da dor como sua manifestação externa. [N.T.I.] *Trauer* significa tristeza profunda pela perda de alguém e luto, no sentido das marcas externas desse estado (vestir-se de luto, a duração do luto). A proximidade do conceito de luto com o de tristeza é em alemão mais evidente do que em outras línguas: vem de *Trauer* o adjetivo *traurig* (triste). [N.T.]

2 / **Abraham (1912), a quem devemos o mais importante dos poucos estudos analíticos sobre esse tema, também tomou essa comparação como ponto de partida.** [O próprio Freud a fizera em 1910 e até mesmo antes. Ver "Nota introdutória" à edição *Standard*.]

Depois de fazer uso do sonho como protótipo normal das perturbações psíquicas narcísicas, tentaremos esclarecer a essência da melancolia comparando-a com o afeto normal do luto.[1] Mas desta vez precisamos antes fazer uma confissão, como advertência para que não se superestimem nossas conclusões. A melancolia, cuja definição conceitual é oscilante, mesmo na psiquiatria descritiva, apresenta-se sob várias formas clínicas, cuja síntese em uma unidade não parece assegurada, e dentre estas algumas sugerem afecções mais somáticas que psicógenas. Independentemente das impressões à disposição de qualquer observador, nosso material se limita a um pequeno número de casos, cuja natureza psicógena é indubitável. Por isso renunciamos de antemão a reivindicar validade universal para nossas conclusões e nos consolamos com a consideração de que, com nossos atuais meios de pesquisa, dificilmente descobriríamos algo que não fosse *típico*, se não para toda classe de afecções, pelo menos para um grupo menor destas.

A consideração conjunta de melancolia e luto parece justificada pelo quadro geral desses dois estados.[2] As influências

3 / *Selbstgefühl* (autoestima) literalmente significa sentimento de si, convicção do próprio valor e poder. Com *Selbstgefühl* começa neste texto toda uma série de termos com prefixo *selbst*, em geral traduzidos pelo prefixo *auto*, em português. Assim, por exemplo: *Selbstvorwurf* (autorrecriminação), *Selbstbeschimpfung* (autoinsulto), *Selbskritik* (autocrítica), *Selbstherabsetzung* (autodepreciação), *Selbsteinschätzung* (autoavaliação), *Selbstanklage* (autoacusação), *Selbstquälerei* (autotormento), *Selbstbestrafung* (autopunição), e finalmente *Selbstmord* (suicídio, literalmente autoassassinato). Essa profusão de termos com *selbst* certamente encontra seu sentido mais profundo na articulação teórica do próprio texto e reflete a importância desse movimento de retorno à própria pessoa, descritos em *Pulsões e seus destinos* (*Triebe und Triebschicksale*, 1915c) como o segundo destino pulsional. Mais precisamente, o termo *selbst* é aí descrito como o tempo da transformação da voz ativa, "não numa voz passiva, mas numa voz reflexiva média". Nesse sentido, o prefixo *selbst* corresponderia em português à partícula apassivadora "se": torturar-se, punir-se etc. [N.T.]

vitais que os ocasionam também coincidem, sempre que podemos discerni-las. O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc. Sob as mesmas influências, em muitas pessoas se observa em lugar do luto uma melancolia, o que nos leva a suspeitar nelas uma disposição patológica. É também digno de nota que nunca nos ocorre considerar o luto como estado patológico, nem encaminhá-lo para tratamento médico, embora ele acarrete graves desvios da conduta normal da vida. Confiamos que será superado depois de algum tempo e consideramos inadequado e até mesmo prejudicial perturbá-lo.

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima,[3] que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição. Esse quadro se aproximará mais de nossa compreensão se considerarmos que o luto revela os mesmos traços, exceto um: falta nele a perturbação do sentimento de autoestima. No resto é a mesma coisa. O luto profundo, a reação à perda de uma pessoa amada, contêm o mesmo estado de ânimo doloroso, a perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que este não faz lembrar o morto –, a perda da capacidade de escolher um novo objeto de amor – em substituição ao pranteado – e o afastamento de toda e qualquer atividade que não tiver relação com a memória do morto. Facilmente

4 / Cf. *A repressão* (1915d). [N.T.I.]
5 / *Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos* (1917d). [N.T.]
6 / Essa ideia parece já ter sido expressa em *Estudos sobre a histeria* (1895d): Freud descreve um processo semelhante em sua *Discussão* da história clínica de Elizabeth von R. [N.T.I.]
7 / *Kompromissleistung* (operação de compromisso) remete a *Kompromissbildung* (formação de compromisso). [N.T.]

compreendemos que essa inibição e esse estreitamento do ego são a expressão de uma dedicação exclusiva ao luto, na qual nada mais resta para outros propósitos e interesses. Na verdade, é só porque sabemos explicá-lo tão bem que esse comportamento não nos parece patológico.

Aprovaremos também a comparação que chama de "doloroso" o estado de ânimo do luto [A]. Sua justificação provavelmente ficará evidente quando estivermos em condições de caracterizar a dor do ponto de vista econômico.[4]

Então, em que consiste o trabalho realizado pelo luto? Creio que não é forçado descrevê-lo da seguinte maneira: a prova de realidade mostrou que o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto. Contra isso se levanta uma compreensível oposição; em geral se observa que o homem não abandona de bom grado uma posição da libido, nem mesmo quando um substituto já se lhe acena. Essa oposição pode ser tão intensa que ocorre um afastamento da realidade e uma adesão ao objeto por meio de uma psicose alucinatória de desejo (ver o artigo anterior a este).[5] O normal é que vença o respeito à realidade. Mas sua incumbência não pode ser imediatamente atendida. Ela será cumprida pouco a pouco com grande dispêndio de tempo e de energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto de investimento é psiquicamente prolongada. Uma a uma, as lembranças e expectativas pelas quais a libido se ligava ao objeto são focalizadas e superinvestidas e nelas se realiza o desligamento da libido.[6] Por que essa operação de compromisso [B],[7] que consiste em

8 / Veja mais adiante um exame da economia desse processo. [N.T.I.]

executar uma por uma a ordem da realidade, é tão extraordinariamente dolorosa, é algo que não fica facilmente indicado em uma fundamentação econômica. E o notável é que esse doloroso desprazer nos parece natural. Mas de fato, uma vez concluído o trabalho de luto, o ego fica novamente livre e desinibido.[8]

Apliquemos agora à melancolia o que aprendemos sobre o luto. Em uma série de casos é evidente que ela também pode ser reação à perda de um objeto amado; quando os motivos que a ocasionam são outros, pode-se reconhecer que essa perda é de natureza mais ideal. O objeto não é algo que realmente morreu, mas que se perdeu como objeto de amor (por exemplo, o caso de uma noiva abandonada). Em outros casos, ainda nos acreditamos autorizados a presumir uma perda desse tipo, mas não podemos discernir com clareza o que se perdeu e com razão podemos supor que o doente também não é capaz de compreender conscientemente o que ele perdeu. Poderia ser também esse o caso de quando o doente conhece qual é a perda que ocasionou a melancolia, na medida em que de fato sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu nele [no objeto]. Isso nos levaria a relacionar a melancolia com uma perda de objeto que foi retirada da consciência, à diferença do luto, no qual nada do que diz respeito à perda é inconsciente.

No luto achamos que a inibição e a falta de interesse ficaram inteiramente esclarecidas pelo trabalho de luto que absorvia o ego. Na melancolia um trabalho interno semelhante será a consequência da perda desconhecida e por-

tanto será responsável pela inibição da melancolia. Só que a inibição melancólica nos dá uma impressão mais enigmática, porque não podemos ver o que absorve tão completamente os doentes. O melancólico nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego. No luto é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego. O doente nos descreve o seu ego como indigno, incapaz e moralmente desprezível; ele se recrimina, se insulta e espera ser rejeitado e castigado. Humilha-se perante os demais e tem pena dos seus por estarem eles ligados a uma pessoa tão indigna. Não julga que lhe aconteceu uma mudança, mas estende sua autocrítica ao passado: afirma que ele nunca foi melhor. O quadro desse delírio de inferioridade – predominantemente moral – se completa com insônia, recusa de alimento e uma superação – extremamente notável do ponto de vista psicológico – da pulsão que compele todo ser vivo a se apegar à vida.

Tanto do ponto de vista científico quanto terapêutico seria igualmente infrutífero contradizer o doente que faz tais acusações contra o seu ego. De algum modo ele certamente precisa ter razão e descrever algo que se comporta tal como lhe parece. E de fato, logo teremos que confirmar, sem restrições, algumas de suas afirmações. Ele realmente é tão carente de interesses, tão incapaz para o amor e para o trabalho como afirma. Mas isso, como sabemos, é secundário, é a consequência desse trabalho interior, para nós desconhecido e comparável ao luto, que consome seu ego. Em outras

9 / "Use every man after his desert, and who should scape whipping?", *Hamlet* II, 2 (Dê a cada homem o que ele merece, e quem se salvará de apanhar?).

de suas autoacusações, ele nos parece igualmente ter razão e capta a verdade apenas com mais agudeza do que outros, não melancólicos. Quando, em uma exarcerbada autocrítica, ele se descreve como um homem mesquinho, egoísta, desonesto e dependente, que sempre só cuidou de ocultar as fraquezas de seu ser, talvez a nosso ver ele tenha se aproximado bastante do autoconhecimento e nos perguntamos por que é preciso adoecer para chegar a uma verdade como essa. Sem dúvida, quem pode chegar a uma tal autoapreciação e expressá-la diante dos outros – uma apreciação que o príncipe Hamlet faz sobre si mesmo e sobre todos os demais[9] – está doente, quer diga a verdade, quer seja mais ou menos injusto consigo próprio. Também não é difícil notar que a nosso ver não há qualquer correspondência entre o montante de autodegradação e sua real justificativa. A mulher antes boa, capaz e cônscia de seus deveres, na melancolia não dirá a seu próprio respeito nada melhor do que a mulher na verdade inútil, e talvez a primeira tenha mais possibilidades de adoecer de melancolia do que a outra, da qual não saberíamos dizer nada de bom. Por fim, devemos notar que o melancólico não se comporta inteiramente como alguém que faz contrição de remorso e autorrecriminação em condições normais. Falta a ele, ou pelo menos não aparece nele de um modo notável, a vergonha perante os outros, que seria sobretudo característica dessas condições. No melancólico, quase se poderia destacar o traço oposto, o de uma premente tendência a se comunicar, que encontra satisfação no autodesnudamento.

10 / *Gewissen* (consciência moral) como *Bewusstsein* (consciência) tem sua origem em *wissen* (saber). Mas *Gewissen* se refere especificamente à consciência do Bem e do Mal na própria conduta, ou seja, à chamada consciência moral. [N.T.]

11 / *Bewusstseinzensur*. [N.T.]

12 / Cf. *Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos* (1917d). [N.T.I.]

O essencial portanto não é que o melancólico tenha razão em sua penosa autodepreciação [C], no sentido de que essa crítica coincida com o julgamento dos demais. O importante é que ele está fazendo uma descrição correta de sua situação psicológica. Perdeu o autorrespeito e deve ter boas razões para tanto. Isso nos põe diante de uma contradição que coloca um enigma difícil de resolver. Segundo a analogia com o luto, deveríamos concluir que ele sofreu uma perda no objeto; de suas afirmações surge uma perda em seu ego.

Antes de tratar dessa contradição, detenhamo-nos um momento na visão da constituição do ego humano que nos é proporcionada pela afecção do melancólico. Vemos nele como uma parte do ego se contrapõe à outra, avalia-a criticamente, como que tomando-a por objeto. Nossa suspeita de que a instância crítica aqui cindida do ego [D] poderia provar sua autonomia sob outras condições será confirmada por todas as observações ulteriores. Encontraremos realmente um fundamento para separar essa instância do resto do ego. O que ficamos conhecendo aqui é a instância habitualmente chamada de *consciência moral* [E];[10] *junto com a censura da consciência*[11] *e com a prova de realidade vamos contá-la entre as grandes instituições do ego*,[12] e em algum lugar encontraremos também provas de que ela pode adoecer por si. O quadro clínico da melancolia põe em destaque o desagrado moral com o próprio ego, acima de outros defeitos. Defeito físico, feiura, fraqueza e inferioridade social, muito mais raramente são objeto da autoavaliação; só o empobrecimento assume um lugar preferencial entre seus temores ou afirmações.

13 / “Ihre *Klage* sind *Anklagen*” (literalmente: suas *queixas* são *acusações*). Há aqui um jogo de palavras que procuramos conservar: *Klage* significa queixa, no sentido genérico, e *Anklage* significa queixa no sentido jurídico-policial (dar queixa, por exemplo), ou seja, no sentido de acusação pública. [N.T.]

Uma observação que nem é difícil de fazer nos conduz à explicação da contradição anteriormente apresentada [no final do penúltimo parágrafo]. Se se ouvir com paciência as múltiplas autoacusações do melancólico, no fim não se deixará de ter a impressão de que as mais violentas dentre elas frequentemente se adéquam muito pouco à sua própria pessoa, mas que, com ligeiras modificações, se adéquam a uma outra pessoa, a quem o doente ama, amou ou deveria amar. E, sempre que se examinar a questão, ele confirmará essa suposição. Desse modo, tem-se à mão a chave do quadro clínico, na medida em que se reconhecem as autorrecriminações como recriminações contra um objeto de amor, a partir do qual se voltaram sobre o próprio ego.

A mulher que ruidosamente se apieda do marido por estar ele tão ligado a uma mulher tão incapaz na verdade quer se queixar da incapacidade do marido, em qualquer sentido que esta possa ser entendida. Não se deve ficar muito surpreso com o fato de que há algumas autorrecriminações legítimas, dispersas entre as que são re-tornadas; elas podem se pôr à frente porque ajudam a ocultar as outras, e a impossibilitar o conhecimento da situação; na verdade, elas derivam também dos prós e contras da disputa amorosa que levou à perda amorosa. Também o comportamento dos doentes fica agora muito mais compreensível. Para eles, *queixar-se* é *dar queixa* [F][13] no velho sentido do termo; eles não se envergonham nem se escondem, porque tudo de depreciativo que dizem de si mesmos no fundo dizem de outrem. E estão bem longe de dar provas, perante os que os cercam, da humildade e da

14 / Essa palavra não aparece só na primeira edição (1917). [N.T.I.]

submissão que conviriam a pessoas tão indignas; pelo contrário, são extremamente incômodas, mostrando-se sempre como que ofendidos e como se uma grande injustiça tivesse sido cometida contra eles. Tudo isso só é possível porque as reações da sua conduta provêm sempre da constelação psíquica da revolta, que depois, em virtude de um certo processo, se transportou para a contrição melancólica [G].

Portanto, não há dificuldade alguma em reconstruir esse processo. Houve uma escolha de objeto, uma ligação da libido a uma pessoa determinada; graças à influência de uma *ofensa real* ou *decepção* por parte da pessoa amada, essa relação de objeto ficou abalada. O resultado não foi o normal, uma retirada da libido desse objeto e o seu deslocamento para um novo, mas foi outro, que parece requerer várias condições para sua consecução. O investimento de objeto provou ser pouco resistente, foi suspenso, mas a libido livre não se deslocou para um outro objeto, e sim se retirou para o ego. Lá, contudo, ela não encontrou um uso qualquer, mas serviu para produzir uma *identificação* do ego com o objeto abandonado. Desse modo, a sombra do objeto caiu sobre o ego, que então pôde ser julgado por uma determinada[14] instância como um objeto, como o objeto abandonado. Assim, a perda do objeto se transformou em perda do ego e o conflito entre o ego e a pessoa amada em uma bipartição entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação.

Existe algo que se percebe imediatamente a partir dos pressupostos e dos resultados de um tal processo. Por um lado, deve ter havido uma forte fixação no objeto de amor

15 / *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, II, 1914.

16 / Na maioria das vezes em que Freud se refere a esse estado originário do narcisismo utiliza a expressão "*primärer Narzissmus*" (em *Totem e tabu*, por exemplo). Aqui, usa o adjetivo *ursprünglich*, mas isso não implica necessariamente uma diferença conceitual, pois *ursprünglich* e *primär* são sinônimos, havendo apenas no primeiro uma referência mais nítida à questão da origem. [N.T.]

17 / *Auszeichnet*, do verbo *auszeichnen* (distinguir). O sentido de distinguir aqui é o de diferenciar entre muitos, destacar, mostrar preferência por. [N.T.]

18 / Cf. *Pulsões e seus destinos* (1915c). Cf. também "Nota introdutória" a este trabalho. [N.T.I.]

19 / Abraham chamou a atenção de Freud pela primeira vez a esse respeito numa carta que dirigiu a ele em 31 de março de 1915. [N.T.I.]

e, por outro, e em contradição com isso, uma pequena resistência do investimento objetal. De acordo com uma pertinente observação de Otto Rank, essa contradição parece requerer que a escolha de objeto tenha sido feita sobre uma base narcísica, de modo que o investimento objetal possa regredir [H] para o narcisismo se se defrontar com dificuldades. A identificação narcísica com o objeto se torna então um substituto do investimento amoroso e disso resulta que, apesar do conflito, a relação amorosa com a pessoa amada não precisa ser abandonada. Tal substituição do amor objetal [I] por identificação é um mecanismo importante para as afecções narcísicas; recentemente K. Landauer pôde descobri-la no processo de cura de uma esquizofrenia.[15] Corresponde naturalmente à *regressão* de um tipo de escolha de objeto para o narcisismo originário.[16] Em outro lugar, mostramos que a identificação é a etapa preliminar da escolha de objeto, e é a primeira modalidade, ambivalente na sua expressão, pela qual o ego distingue[17] um objeto. Ele gostaria de incorporá-lo, na verdade, devorando-o, de acordo com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento libidinal.[18] Abraham, com razão, remete a esse contexto a recusa da alimentação que se apresenta na forma mais grave do estado melancólico.[19]

A conclusão requerida pela teoria, de que a disposição [J] à enfermidade melancólica ou parte dela se baseia no predomínio do tipo narcísico de escolha do objeto, infelizmente ainda não foi confirmada pela investigação. Nas afirmações iniciais deste ensaio, admiti que o material empírico em que se fundamenta este estudo não é suficiente para nossas exigências.

20 / O tema da identificação foi abordado mais tarde por Freud em *Psicologia das massas* (1921c). Sobre a identificação histérica há uma primeira descrição em *A interpretação dos sonhos* (1900a). [N.T.I.]

21 / Grande parte do que se segue é examinada mais pormenorizadamente no capítulo v de *O ego e o id* (1923b). [N.T.I.]

Se pudéssemos supor uma coincidência da observação com nossas deduções, não hesitaríamos em incluir na caracterização da melancolia a regressão do investimento de objeto à fase oral da libido, que ainda pertence ao narcisismo. Também nas neuroses de transferência as identificações com o objeto não são de modo algum raras e constituem até mesmo um conhecido mecanismo da formação de sintomas, em especial na histeria. Mas podemos diferenciar a identificação narcísica da histérica pelo fato de que na primeira se abandona o investimento do objeto, ao passo que na segunda ele persiste e exterioriza um efeito que habitualmente se limita a certas ações e inervações isoladas. De qualquer modo, também nas neuroses de transferência a identificação é expressão de algo comum, que pode significar amor. A identificação narcísica é a mais arcaica e nos abre acesso à compreensão da histérica, menos bem estudada.[20]

Uma parte das características da melancolia é tomada de empréstimo ao luto e outra parte do processo de regressão da escolha narcísica de objeto ao narcisismo. Por um lado, como o luto, ela é reação à perda real do objeto de amor, mas além disso está comprometida com uma condição que falta no luto normal ou que, quando ocorre, o converte em luto patológico. A perda do objeto de amor é uma oportunidade extraordinária para que entre em vigor e venha à luz a ambivalência das relações amorosas.[21] Por isso, quando existe uma disposição à neurose obsessiva, o conflito de ambivalência confere ao luto uma conformação patológica e o compele a se expressar na forma de autorrecriminações, de ser culpado

22 / Sobre a distinção entre as duas, ver meu ensaio *Pulsões e seus destinos*. (1915c)

pela perda do objeto do amor, isto é, de tê-lo desejado. Nessas depressões de tipo obsessivo após a morte de pessoas amadas nos é apresentado aquilo que o conflito de ambivalência realiza por si só, quando não está presente também a retração regressiva da libido. Os motivos que ocasionam a melancolia ultrapassam na maioria das vezes o claro acontecimento da perda por morte e abrangem todas as situações de ofensa, desprezo e decepção através das quais pode penetrar na relação uma oposição de amor e ódio ou pode ser reforçada uma ambivalência já existente. Esse conflito de ambivalência, de origem ora mais real, ora mais constitutiva, não deve ser desconsiderado entre os pressupostos da melancolia. Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser abandonado, ao mesmo tempo que o objeto o é – se refugiou na identificação narcísica, o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, insultando-o [K], humilhando-o, fazendo-o sofrer e ganhando nesse sofrimento uma satisfação sádica. O autotormento indubitavelmente deleitável da melancolia significa, como o fenômeno correspondente da neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de tendências ao ódio[22] relativas a um objeto, que por essa via sofreram um retorno para a própria pessoa. Em ambas as afecções o doente ainda tenta conseguir, por meio do rodeio da autopunição, vingar-se dos objetos originários e atormentar seus seres amados através da condição de doente, depois de ter cedido à doença para não ter de mostrar diretamente a eles a sua hostilidade. E de fato a pessoa que provocou a perturbação afetiva do doente e para a qual está orientada a sua condição de enfermo deve

23 / *Vertritt*, do verbo *vertreten* (representar), no sentido de estar no lugar de, substituir, agir em lugar de outro. Não tem a ver com *vorstellen*, que também significa representar, no sentido de tornar presente uma imagem, uma ideia etc. [N.T.]

24 / Cf. id., ibid. (*Pulsões e seus destinos* – 1915c).

25 / *Aufgehoben*, do verbo *aufheben* (suprimir, eliminar, cancelar). O leitor da versão inglesa de Freud não deve confundir esse suprimir com o *to suppress* com que James Strachey traduz o verbo *unterdrücken* (reprimir). Tampouco deve fazer uma aproximação com o termo *Aufhebung* (superação) da filosofia de Hegel, pois o uso aqui é o mais comum do termo. [N.T.]

26 / Outras considerações sobre o suicídio serão encontradas no capítulo V de *O ego e o id* (1923b) e nas últimas páginas de *O problema econômico do masoquismo* (1924c). [N.T.I.]

ser encontrada habitualmente em seu ambiente mais próximo. Desse modo, o investimento amoroso do melancólico no seu objeto experimentou um duplo destino: por um lado regrediu à identificação, mas por outro, sob a influência do conflito de ambivalência, foi remetido de volta à etapa do sadismo, mais próxima desse conflito.

Só esse sadismo resolve para nós o enigma da tendência ao suicídio, pela qual a melancolia se torna tão interessante – e tão perigosa. Reconhecemos como o estado primordial do qual parte a vida pulsional um amor a si próprio tão enorme, e vemos na angústia que sobrevém diante da ameaça à vida uma tão grande liberação de libido narcísica, que não entendemos como esse ego pode consentir na sua própria destruição. Há muito tempo sabíamos que nenhum neurótico abriga propósitos de suicídio que não estejam voltados para si a partir do impulso de matar os outros, mas não pudemos compreender o jogo de forças pelo qual uma intenção como essa pode se pôr em ação. Agora a análise da melancolia nos ensina que o ego só pode matar a si próprio se puder, por meio do retorno do investimento de objeto, tratar-se como um objeto, se puder dirigir contra si a hostilidade que vale para o objeto e que representa[23] a reação primordial do ego contra os objetos do mundo externo.[24] Assim, na regressão a partir da escolha narcísica de objeto, o objeto foi de fato suprimido [L],[25] mas provou ser mais poderoso que o próprio ego. Nas duas situações opostas, o mais extremado enamoramento e o suicídio, embora por caminhos inteiramente diferentes, o ego é subjugado pelo objeto.[26]

27 / Essa analogia com a ferida aberta já aparece (ilustrada por dois diagramas) na abertura da seção VI da primeira nota de Freud sobre a melancolia (Freud 1950a, Manuscrito G), escrita provavelmente em janeiro de 1895. Cf. "Nota introdutória" ao presente artigo. [N.T.I.]

Quanto a uma das características mais notáveis da melancolia, o surgimento da angústia de empobrecimento, é plausível admitir que ela se origina do erotismo anal, retirado de suas conexões e regressivamente transformado.

A melancolia ainda nos põe diante de outras perguntas, cuja resposta em parte nos escapa. O fato de desaparecer depois de certo período de tempo, sem deixar grandes alterações demonstráveis, é uma característica que a melancolia compartilha com o luto. Constatamos que neste era preciso tempo para executar minuciosamente a ordem da prova de realidade [M], e que depois de realizado esse trabalho o ego liberta sua libido do objeto perdido. Podemos pensar que o ego durante a melancolia se ocupa de um trabalho análogo: tanto num como noutro falta a compreensão econômica do processo. A insônia da melancolia comprova a rigidez desse estado, a impossibilidade de cumprir a retirada geral dos investimentos, necessária para o sono. O complexo melancólico se comporta como uma ferida aberta,[27] atraindo para si, de toda parte, energias de investimento (que nas neuroses de transferência chamamos de "contrainvestimentos") e esvaziando o ego até o empobrecimento total; facilmente o complexo melancólico se mostra resistente ao desejo de dormir do ego. Um fator provavelmente somático, que não deve ser explicado psicogenicamente, aparece na atenuação desse estado que via de regra se verifica nesse estado, ao anoitecer. A essas discussões se relaciona a questão de saber se uma perda do ego sem consideração pelo objeto (uma ofensa puramente narcísica ao ego) não basta para produzir o qua-

dro da melancolia e se um empobrecimento da libido do ego, provocado diretamente por toxinas, não pode gerar certas formas dessa afecção.

A peculiaridade mais notável da melancolia, a que mais requer esclarecimento é a sua tendência a se transformar no estado sintomaticamente oposto da mania. Sabe-se que nem toda melancolia tem esse destino. Muitos casos transcorrem com recidivas periódicas, em cujos intervalos se observa muito pouca ou nenhuma tonalidade de mania. Outros mostram aquela alternância regular [N] entre fases melancólicas e maníacas que encontrou expressão na configuração da loucura cíclica. Ficaríamos tentados a excluir esses casos da concepção psicógena se o trabalho psicanalítico justamente não tivesse permitido encontrar a solução e a influência terapêutica para muitos deles. Portanto, não apenas é lícito, como imperioso, estender também à mania a explicação analítica da melancolia.

Não posso prometer que esta tentativa venha a ser inteiramente satisfatória. Ela não vai muito além da possibilidade de uma primeira orientação. Temos aqui à nossa disposição dois pontos de apoio [O], o primeiro, uma impressão psicanalítica, o outro, poder-se-ia dizer, uma experiência econômica geral. A impressão, que vários investigadores psicanalíticos já puseram em palavras, é de que a mania não tem um conteúdo diferente da melancolia, e que ambas as afecções lutam com o mesmo "complexo", ao qual provavelmente o ego sucumbe na melancolia, ao passo que na mania o ego o dominou ou o pôs de lado. O outro ponto de apoio é dado pela experiên-

cia segundo a qual, em todos os estados de alegria, júbilo e triunfo que o modelo normal da mania nos oferece, podem ser reconhecidas as mesmas condições econômicas. Trata-se, nesses estados, de uma influência pela qual um grande dispêndio psíquico, mantido durante muito tempo ou produzido habitualmente, por fim se torna supérfluo, ficando assim disponível para múltiplas aplicações e possibilidades de descarga. Por exemplo, quando um pobre-diabo fica subitamente liberado, por uma grande soma de dinheiro, da preocupação crônica com o pão de cada dia, quando uma longa e árdua luta finalmente se vê coroada de êxito, quando se chega a ter condições de poder se desfazer de um só golpe de uma coerção opressiva, ou de uma dissimulação que se prolongou por muito tempo etc. Todas essas situações se caracterizam pelo estado de ânimo elevado, pelas marcas de descarga de um afeto de alegria e por maior prontidão [P] para todos os tipos de ação, como na mania, em completa oposição com a depressão e a inibição da melancolia. Podemos ousar afirmar que a mania nada mais é que um triunfo como esse, só que nela mais uma vez permanece oculto para o ego o que ele suplantou e sobre o qual ele triunfa. A embriaguez alcoólica, que – contanto que seja alegre – pertence a essa mesma série de estados, pode ser explicada do mesmo modo; aqui se trata provavelmente da supressão, por via tóxica, dos gastos com a repressão. A opinião leiga tende a supor que nessa condição maníaca se está tão ativo e empreendedor porque se está "animado". Naturalmente é preciso desfazer essa falsa conexão. É porque foi preenchida a mencionada condição

28 / A “impressão psicanalítica” e a “experiência econômica geral”. [N.T.I.]

econômica na vida psíquica que se está tão bem-humorado, por um lado, e tão desinibido na ação, por outro.

Se agora reunimos as duas indicações,[28] o resultado é o seguinte: na mania o ego precisa ter superado a perda do objeto (ou o luto pela perda, ou talvez o próprio objeto) e desse modo todo o montante de contrainvestimento que o doloroso sofrimento da melancolia atraíra do ego para si e ligara fica agora disponível. Na medida em que, como um faminto, o maníaco sai em busca de novos investimentos de objeto, ele nos demonstra de um modo inequívoco sua libertação do objeto que o fez sofrer.

Esse esclarecimento soa plausível mas é, em primeiro lugar, ainda pouco definido e, em segundo, faz com que surjam mais questões novas do que podemos responder. Não queremos nos esquivar dessa discussão, embora não possamos esperar encontrar através dela o caminho da clareza.

Em primeiro lugar: o luto normal também supera a perda do objeto e enquanto dura ele absorve igualmente todas as energias do ego. Por quê, depois que passou, não há indícios de que se produziu nele a condição econômica para uma fase de triunfo? Acho impossível responder de imediato a essa objeção. Ela chama nossa atenção para o fato de que sequer podemos dizer por que meios econômicos o luto realiza sua tarefa; mas talvez aqui possa ser útil uma conjectura. Em cada uma das recordações e situações de expectativa que mostram a libido ligada ao objeto perdido, a realidade traz à tona o seu veredicto de que o objeto não existe mais e o ego, por assim dizer, indagado se quer compartilhar esse destino,

29 / O ponto de vista econômico recebeu até agora pouca consideração nos trabalhos psicanalíticos. Como exceção mencione-se o artigo de V. Tausk sobre a desvalorização, por recompensa, dos motivos da repressão (*Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, I, 1915).

deixa-se determinar pela soma de satisfações narcísicas dadas pelo fato de estar vivo, e desfaz sua ligação com o objeto aniquilado. Podemos imaginar que esse desligamento se dá tão lenta e gradualmente, que ao terminar o trabalho também se dissipou o gasto que ele requeria.[29]

É tentador buscar o caminho para expor o trabalho melancólico a partir dessa conjectura sobre o trabalho do luto. Nesse caminho defrontamo-nos de entrada com uma incerteza. Até agora mal consideramos o ponto de vista tópico no caso da melancolia e não nos perguntamos em e entre quais sistemas psíquicos se processa o trabalho da melancolia. O que dos processos psíquicos dessa afecção ainda se passa nos investimentos objetais inconscientes que foram abandonados e o que se passa em seu substituto por identificação, dentro do ego?

Fica fácil escrever e responder prontamente que "a representação inconsciente (de coisa) do objeto é abandonada pela libido". Mas na realidade essa representação está no lugar de incontáveis impressões singulares (seus traços inconscientes) e a execução dessa retirada de libido não pode ser um fenômeno de um instante, mas, como no luto, certamente um processo moroso, que progride pouco a pouco. Não é fácil discernir se ele começa ao mesmo tempo em vários lugares ou se implica alguma sequência determinada; nas análises pode-se frequentemente constatar que ora uma, ora outra recordação é ativada e que essas queixas monocórdias, fatigantes por sua monotonia, provêm no entanto em cada caso de um fundamento inconsciente diferente. Se o objeto

não tiver para o ego um significado tão grande, reforçado por milhares de laços, sua perda não se prestará a provocar um luto ou uma melancolia. Essa característica da execução minuciosa do desligamento da libido deve ser portanto atribuída, do mesmo modo, tanto à melancolia quanto ao luto, e provavelmente se apoia nas mesmas relações econômicas e serve às mesmas tendências.

Mas, como vimos, a melancolia tem por conteúdo algo mais do que luto normal. Nela a relação com o objeto não é nada simples e se complica pelo conflito de ambivalência. A ambivalência é ou constitucional, isto é, inerente a cada uma das ligações amorosas desse ego, ou surge justamente das experiências acarretadas pela ameaça de perda do objeto. Por isso a melancolia pode, quanto aos motivos que a ocasionam, ir muito mais longe do que o luto, que via de regra só é desencadeado pela perda real, a morte do objeto. Na melancolia se tramam portanto em torno do objeto inúmeras batalhas isoladas, nas quais ódio e amor combatem entre si: um para desligar a libido do objeto, outro para defender contra o ataque essa posição da libido. Não podemos situar essas batalhas isoladas em outro sistema que não o sistema *Inc*, o reino dos traços mnemônicos de coisas (em oposição aos investimentos de palavra). É lá que se dão as tentativas de desligamento do luto, mas neste não há qualquer obstáculo a que esses processos prossigam pelo caminho normal que vai até a consciência, passando pelos *Pcs*. Esse caminho está bloqueado para o trabalho melancólico, talvez em consequência de inúmeras causas ou de uma ação conjunta de

30 / *Repräsentiert sich*, do verbo *sich repräsentieren*. Nem *vertreten* nem *vorstellen*, os termos freudianos mais comumente traduzidos por representar. *Sich repräsentieren* tem aqui um sentido mais próximo de apresentar-se, tornar-se presente perante algo ou alguém. [N.T.]

causas. A ambivalência constitutiva pertence em si mesma ao reprimido, e as experiências traumáticas com o objeto podem ter ativado um outro material reprimido. Assim, dessas lutas de ambivalência tudo permanece subtraído à consciência, enquanto não sobrevém o desenlace característico da melancolia. Este consiste, como sabemos, no fato de que o investimento libidinal ameaçado finalmente abandona o objeto, mas só para se retirar de volta ao lugar do ego do qual havia partido. Desse modo, o amor deixou de ser eliminado por sua fuga para o ego. Depois dessa regressão da libido o processo pode se tornar consciente e se representa[30] para a consciência como um conflito entre uma parte do ego e a instância crítica.

O que a consciência apreende [Q] do trabalho melancólico não é portanto sua parte principal, nem mesmo a parte à qual podemos atribuir uma influência sobre a resolução da doença. Vemos que o ego se degrada, se enfurece contra si mesmo e compreendemos, tão pouco quanto o doente, aonde isso leva e como pode mudar. Tal realização pode ser atribuída mais à parte inconsciente do trabalho, porque não é difícil descobrir uma analogia essencial entre o trabalho da melancolia e o do luto. Assim como o luto leva o ego a renunciar ao objeto, declarando-o morto e oferecendo-lhe como prêmio permanecer vivo, também cada uma das batalhas de ambivalência afrouxa a fixação da libido ao objeto, desvalorizando-o, rebaixando-o, como que também matando-o. É possível que o processo chegue ao fim dentro do sistema *Inc*, quer depois que a fúria se aplacou, quer depois que se desistiu

do objeto por ser ele destituído de valor. Não vemos qual dessas duas possibilidades põe um fim à melancolia regularmente ou com maior frequência, nem como esse fim influencia o andamento ulterior do caso. Talvez o ego possa com isso desfrutar da satisfação de poder se reconhecer como o melhor, como superior ao objeto.

Mesmo que aceitemos essa concepção do trabalho melancólico, ela não nos fornece a explicação que procurávamos. Analogias extraídas de diversas outras áreas poderiam dar apoio à nossa expectativa de derivar da ambivalência, que domina essa afecção, a condição econômica para o surgimento da mania, uma vez passada a melancolia; mas há um fato perante o qual essa expectativa tem de se inclinar. Das três premissas da melancolia, perda do objeto, ambivalência e regressão da libido para o ego, reencontramos as duas primeiras nas recriminações obsessivas depois de casos de morte. Lá, sem dúvida é a ambivalência que representa a mola do conflito; depois de passado esse conflito, nada mais resta de parecido com o triunfo de uma condição maníaca. Somos então remetidos ao terceiro fator como o único eficaz. Aquele acúmulo de investimento a princípio ligado, que se libera com o término do trabalho melancólico possibilitando a mania, deve estar relacionado com a regressão da libido ao narcisismo. O conflito no ego, que a melancolia troca pela luta em torno do objeto, tem de operar com uma ferida dolorosa, que exige um contrainvestimento extraordinariamente elevado. Mas aqui mais uma vez será oportuno determo-nos e adiar o ulterior esclarecimento da mania até que possamos

31 / Cf. *A repressão* (1915d). [N.T.I.]

32 / Cf. uma continuação do problema da mania em *Psicologia das massas e análise do ego* (1921c). [Nota acrescentada em 1925.]

compreender a natureza econômica da *dor*, em primeiro lugar a física e depois a anímica, análoga a esta.[31] Já sabemos que a inter-relação dos intrincados problemas psíquicos nos obriga a interromper sem concluir cada investigação, até que os resultados de outra possam vir em seu auxílio.[32]

DISCUSSÃO DE ALGUMAS DIVERGÊNCIAS / Marilene Carone

	ORIGINAL ALEMÃO (G.W.)	TRADUÇÃO INGLESA (S.E.)	TRADUÇÃO BRASILEIRA (S.B.)
A	**Die Stimmung der Trauer**	The mood of mourning	A disposição para o luto
B	**Kompromissleistung**	Compromise	Transigência
C	**Peinliche Selbstherabsetzung**	Distressing self-denigration	Autodifamação aflitiva

NOSSA TRADUÇÃO	COMENTÁRIO
O estado de ânimo do luto	Não apenas há uma evidente diferença conceitual entre *disposição* e *estado de ânimo do luto*, como também o conceito de *disposição* em Freud (*Disposition*) tem uma conotação específica (a de *predisposição*), o que impede o uso arbitrário do termo. O leitor aqui poderia ser induzido a erro, supondo que Freud está se referindo às condições predisposicionais para o luto, na série complementar.
Operação de compromisso	O termo *Kompromiss* em Freud é um conceito preciso, que deve ser rigorosamente preservado pois envolve o conflito e as formas de acordo entre o desejo e a defesa, como em *Kompromissbildung* (formação de compromisso).
Penosa autodepreciação	A tradução brasileira (S.B.) comete sistematicamente esse erro, tanto neste quanto em outros textos de Freud, traduzindo *distressing* por *aflitivo*. Trata-se em Freud do adjetivo *peinlich* (penoso, doloroso), cuja conotação afetiva evidentemente não é a mesma da aflição.

D	**Die hier vom Ich abgespaltene kritische Instanz**	The critical agency which is here split of from the ego	O agente crítico, que aqui se separa do ego
E	**Gewissen**	“Conscience”	“Consciência”
F	**Ihre Klagen sind Anklagen**	Their complaints are really plaints	Suas queixas são “queixumes”
G	**Die melancholische Zerknirschung**	The crushed state of melancholia	O estado esmagado de melancolia
H	**Regredieren**	Regress	Retroceder

A instância crítica aqui cindida do ego	Dois erros sistemáticos da S.B.: traduzir *agency* (instância, *Instanz*, no original) por *agente*, às vezes por *agência*, e traduzir *to split of* por *separar*. A diferença entre *agente* e *instância* dispensa comentários. Quanto a *to split of*, traduzido por *separar*, não se trata propriamente de erro, mas de imprecisão terminológica. Freud está empregando aqui o verbo *ab-spalten* (cindir) e, como se sabe, o conceito de *Spaltung* (cisão) é de importância fundamental na teoria psicanalítica do ego. Ver, por exemplo, o texto de 1938 *Die Ichspaltung in Abwehrvorgang* [A cisão do ego no processo defensivo].
Consciência moral	Ver nota de tradução correspondente, onde se ressalta a importância de distinguir *Bewusstsein* (consciência) de *Gewissen* (consciência moral).
Para eles, queixar-se é dar queixa	Ver nota de tradução correspondente. A tradução inglesa é feliz, ao preservar o jogo de palavras e o sentido do original: a da S.B. mantém o jogo de palavras mas erra o alvo, na medida em que não acerta o sentido correto: *queixume* não tem nada a ver com *Anklage* (queixa acusatória, no sentido jurídico-policial).
A contrição melancólica	Não se trata de estar esmagado, mas do estado de arrependimento e contrição ligado ao sentimento de culpa, indicado pelo termo *Zerknirschung*.
Regredir	Embora de fato *retroceder* seja sinônimo de *regredir*, o conceito de regressão em Freud é tão fundamental e preciso que é imprescindível denotá-lo toda vez que ele surge.

I	**Ersatz der Objektliebe durch Identifizierung**	Substitution of identification for object-love	Substituição da identificação pelo amor objetal
J	**Disposition**	Disposition	Tendência
K	**Indem er es beschimpft**	Abusing it	Abusando
L	**So... ist das Objekt zwar aufgehoben**	Thus... it is true, the object has been rid of	Assim... é verdade que nos livramos do objeto
M	**Das Gebot der Realitätsprüfung**	The command of reality testing	O domínio do teste de realidade
N	**Abwechslung**	Alternation	Alteração

Substituição do amor objetal por identificação

O erro da S.B. aqui é grave, pois inverte o sentido: o tradutor não entendeu que o *for* da tradução inglesa significa *em troca de*. Freud deixa muito claro que nessa patologia há uma regressão (por substituição) do amor objetal à etapa da identificação, anterior e mais primitiva. Se na melancolia houvesse uma "substituição da identificação pelo amor objetal", como quer a S.B., não haveria regressão nem patologia melancólica.

Disposição

Aqui acontece o contrário do que foi assinalado em [a]: a *Disposition* de Freud se transformou em *tendência* na S.B.

Insultando-o

Um bom exemplo de erro grosseiro da S.B., onde se segue a aparente semelhança do vocábulo inglês com o português. *Beschimpfen*, como *to abuse*, quer dizer insultar, xingar, ofender.

Assim... o objeto foi de fato suprimido

Chega a ser surpreendente esse uso inesperado e arbitrário da primeira pessoa (*nos livramos*) na S.B., quando é evidente que se está descrevendo um processo que se passa num ego abstrato. O leitor, neste caso, poderia ser levado a pensar que Freud está se sentindo pessoalmente comprometido com a patologia em questão... E mais: na S.B. convencionou-se traduzir "suppressed" (*unterdrückt* – reprimido) por *suprimido*, de modo que a confusão pode se ampliar ainda mais.

A ordem da prova de realidade

A tradução de *command* por *domínio*, na S.B., deturpa inteiramente o sentido correto de *Gebot* (ordem, mandamento, exigência).

Alternância

Erro ou cochilo de revisão?

O	**Zwei Anhaltspunkte**	Two things to go upon	Duas coisas a empreender
P	**Bereitwilligkeit**	Readiness	Disposição
Q	**Das Bewusstsein erfährt**	The consciousness is aware	A consciência está cônscia

Dois pontos de apoio

A noção de ponto de apoio, presente também no *go upon* da S.E., é fundamental, pois Freud retomará em seguida esses dois pontos, como o próprio Strachey observa numa nota adiante.

Prontidão

Mais uma vez a palavra *disposição* vem à baila na S.B. num uso não rigoroso, como nas ocasiões anteriores. Supomos que o tradutor aqui estava pensando em (*boa*) *disposição*, mas não é o caso.

A consciência apreende

Um grande escritor como Freud certamente jamais se permitiria um pleonasmo tão grosseiro como esse...

POSFÁCIO

... podemos dizer que a intenção de que o homem seja feliz não se acha no plano da "Criação".
SIGMUND FREUD[1]

A memória longínqua de uma pátria
eterna mas perdida e não sabemos
se é passado ou futuro onde a perdemos.
SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN[2]

Por que razão, Senhor, tu me tiraste do seio maternal? Penas e dores ali mesmo, Senhor, multiplicaste.
JÓ, X[3]

UMA FERIDA A SANGRAR-LHE A ALMA /
Urania Tourinho Peres

Psicanalistas e poetas nos falam e respondem sobre a dor de existir. Uma perda eterna, atemporal em seu acontecer, em que o limite entre passado e futuro torna-se indistinto pela presença constante de uma falta, sinalizando a particular relação da melancolia com o tempo, tempo que faz pacto com a morte. Jó, expressão maior do padecimento melancólico, precisa a origem e a causa do seu sofrer, que atravessa a humanidade e se materializa na interrogação de cada um: "Por que sofro?". Pátria eterna, seio maternal e uma suspiração pelo que foi sem nunca ter sido: a inexistente completude, o encontro com a verdade enganosa da existência. A felicidade não se encontra no plano da criação, é necessário inventá-la.

---

1 / Sigmund Freud, *O mal-estar na civilização* [1921], in *Obras completas*, v. 18, trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 29-30.
2 / Sophia de Mello Breyner Andresen, *Obra poética II*. Lisboa: Caminho, 1998. p. 31.
3 / Haroldo de Campos, "Da memória e da desmemória: excurso sobre o poeta José Elói Ottoni, tradutor do Livro de Jó", in José Elói Ottoni, *O Livro de Jó*. São Paulo: Loyola/Giordano, 1993, p. 31.

Será através da arte, da filosofia, da religião e da medicina que a melancolia escreverá sua história, e é possível acompanhá-la através dessas diferentes abordagens.

Deus criou Eva para trazer alegria a Adão. Expulsos do paraíso sob o peso do pecado original, a tristeza abateu-se sobre os dois e tornou-se herança para a humanidade.

Se a tristeza acompanha o homem desde a sua origem, a palavra "melancolia" surge na Grécia no início de século IV a.C.: *melankholia*, associação de *kholê* [bile] e *mélas* [negro]. No século III, traduz-se para o latim: *melancholia*. A tentativa de compreensão e definição do homem buscada pelos gregos vai encontrar na natureza elementos de comparação e analogia. Assim, as quatro estações (primavera, verão, outono e inverno) e as quatro qualidades fundamentais da matéria (quente, frio, seco e úmido) inspiram Hipócrates e seu genro Políbio (*Da natureza do homem*) a destacar quatro humores que seriam responsáveis, através do equilíbrio ou desequilíbrio que manteriam entre si, pela saúde ou pela doença do corpo e da alma. A melancolia decorreria do excesso de uma substância natural, a bile negra. Que essa substância tenha ou não sido isolada pouco importa, a verdade é que a cor negra esteve sempre associada a esse sofrer. "O tempo da depressão não sofre variações, sua luz é sempre marrom-escura."[4]

4 / William Styron, *Perto das trevas*, trad. Aulide Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 25.

A leitura de Hipócrates, seu olhar para a natureza, retira da maldição dos deuses, da determinação divina, o poder de inflingir sofrimento ao homem, como nos é relatado por Homero.[5]

Na Idade Média, a teoria dos humores será associada à astrologia. Saturno surge como o astro que governa o melancólico, astro das contradições, da inteligência e da contemplação, da apatia e do êxtase, da renúncia e do sacrifício, representa as experiências de separação desde o corte do cordão umbilical até o supremo despojamento do velho.[6] A *Melancolia I* de Dürer, figurando o mar no horizonte, nos transmite a inclinação dos melancólicos para as grandes viagens.

A Idade Média é também herdeira da acédia – do grego *akêdia* –, uma alteração do humor comum entre os Padres do Deserto, monges que, a partir do século IV, povoaram os desertos do Egito, da Palestina e da Síria em busca de uma vida contemplativa, ascética e de meditação. A acédia, considerada um dos "oito maus pensamentos" ou "oito vícios capitais", não é, pelos religiosos, associada à melancolia, é uma questão da vida espiritual. Sua ação mortífera é atribuída ao demônio, "demônio do meio-dia", "demônio meridiano". A solidão, o calor, a vida de privações, as restrições alimentares produziriam uma perda da fé e de todo o sentido da vida.

---

5 / Cf. Jean Starobinsky, "La mélancolie au jardin des racines grecques", *Magazine Littéraire*, Paris, n. 244, jul.-ago., 1987, pp. 24-30.

6 / Cf. Jean Chevalier & Alain Gheerbrant, *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, p. 806.

Devemos a Évagre le Pontique, monge que viveu no deserto do Egito, a primeira sistematização do pensamento ascético dos Padres do Deserto. Ele vai ao Egito em busca de "saúde para sua alma", e lá permanece até o fim da vida. Dedica-se a copiar manuscritos, e é considerado o primeiro monge a deixar uma obra literária composta de aforismos.[7]

O excesso de abstinência, a impossibilidade real de objetos de satisfação conduzem o acometido pela acédia a uma resolução alucinatória.[8] O demônio invade a alma do infeliz padre, e através das representações e imagens induz a realização de todos os vícios pela alucinação. Na ausência de uma imagem de objeto que atenderia a um determinado vício, a acédia se manifesta na possibilidade de exacerbar todos os vícios, todos os pecados.

Esse transbordamento da imaginação constituiu-se fonte

---

7 / Cf. Urania Tourinho Peres, "Por que somos tristes?". Trabalho apresentado ao 17º Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise/6ª Jornada Sergipana de Psiquiatria/6ª Jornada do Círculo Psicanalítico de Sergipe, *Interfaces entre a Psicanálise e a Psiquiatria*, Aracaju, 2008.

8 / Esse processo de "melancolização" do acometido pela acédia nos reporta à "experiência de satisfação" freudiana, momento de constituição do sujeito e sua condição desejante. O bebê, sob a urgência de uma necessidade – como a fome, por exemplo –, precisa de uma pessoa acolhedora, de uma assistência externa, para, juntamente com ele, efetivar uma "ação específica" que traga a satisfação. Em um primeiro momento, o bebê reage por uma "alteração interna" (gritos, choro, inervação muscular) que, se for improdutiva, produz o efeito alucinatório do objeto. O *infans* alucina o objeto que traria o alívio pela marca mnêmica, um registro efetivado quando de uma primeira satisfação. "Não tenho a menor dúvida", diz Freud, "de que essa ativação do desejo produza algo idêntico a uma

de inspiração para muitos pintores: Bruegel, Bosch, Mandyn. As diferentes representações das *Tentações de Santo Antão* são eloquentes testemunhos dessa exaltação do pecado.

No Renascimento, a obra de Marsilius Ficinus *De vita triplici* retrata o melancólico atormentado, mas dotado de grande capacidade criativa. Saturno, além de suas influências nefastas, é também responsável pelas grandes virtudes: memória, inteligência, sabedoria. A visão aristotélica é retomada, e o Renascimento pode ser tido como momento privilegiado para a melancolia. É desse período uma rica iconografia: a *Melancolia I*, de Dürer, *A Melancolia*, de Jacob de Gheyn II, duas representações de Cranach, entre muitas outras.[9]

Lutero, eliminando a possibilidade de expiação das culpas pelas boas ações e depositando na fé o único meio de salvação,

---

percepção – ou seja, uma alucinação [...] a consequência inevitável será a decepção." Sigmund Freud. *Projeto para uma psicologia científica* [1895], parte I, in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 421-23. Toda a construção teórica de Freud para esse momento constitutivo do sujeito e de seu desejo é extremamente rica e nos abre infinitas possibilidades para variantes aí acontecidas. O estudo da acédia, esse estado de absoluta carência e desamparo em que os padres viviam, produzia em alguns (possivelmente portadores de fraturas no momento de instauração do desejo e o seu correlato do objeto perdido) a resposta alucinatória ao desejo.

9 / Cf. Hélène Prigent, *Mélancolie – Les métamorphoses de la dépression*. Gallimard: Paris, 2005, pp. 45-65.

impôs ao povo rigorosa obediência aos deveres, mas não deixou de provocar uma resposta melancólica entre os grandes.[10]

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, a melancolia perde prestígio como virtude dos mais dotados, começa a ser percebida não apenas como sinal de talento, mas como uma desordem do pensamento e do humor e se estende ao homem comum. Dois autores se destacam: Montaigne (*Essais*, 1580) e o pastor Robert Burton (*The anatomy of melancholy*, 1621), que, muito embora fazendo confissão de sofrimento, eliminam a aura romântica desse adoecer.

Cada vez mais vinculada à loucura, a melancolia recebe de Willis a seguinte explicação: "uma loucura sem febre nem furor, acompanhada pelo temor e pela tristeza".[11] Aí, ela passa a ser estudada também pela medicina, supostamente enriquecida com a aura de cientificidade, mas empobrecida quanto à sua força criativa. A psiquiatria muda-lhe o nome e, consequentemente, a identidade. As depressões ou as alterações do humor ganham terreno na vertiginosa corrida da medicalização da vida.

No século XX, Sigmund Freud retoma a palavra para garantir-lhe um espaço no campo de sua invenção: a psicanálise. Invenção que bordeja arte e ciência, lamento e criação, capaz de acolher as "dores da alma", gravadas na singularidade das marcas

---

10 / Cf. Walter Benjamin, *Origem do drama barroco alemão*, trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

11 / Willis, *Opera II*, apud Michel Foucault, *História da loucura*, trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 265.

que definem a fortuna de cada ser humano. Tormento de difícil tradução, pois a palavra não alcança o enigma de nossa existência, que se trama na vicissitude das perdas e seus lutos.

Teorizar a melancolia foi uma preocupação que sempre acompanhou Freud. Possivelmente, ele sabia que, por meio desse sofrer, poderia atingir a compreensão da dor matricial, a dor que marcaria a entrada do *infans* em um mundo de desamparo e solidão. O bebê não sobrevive sem o acolhimento do Outro, para atender a suas necessidades vitais e responder à sua procura amorosa de reconhecimento. Por que necessita ele, além do amparo à sua fome, ao seu frio e de todos os cuidados de higiene, desse olhar e desse tocar amoroso, que lhe conferem um lugar e esboçam uma identidade inicial de filho? Pela sua prematuridade ao nascer, respondem os psicanalistas.

O melancólico sofre de "uma grande ânsia de amor em sua forma psíquica",[12] constatação que, seguramente, conduziu Freud a estabelecer a relação entre esse padecer e o momento inicial de entrada na vida, momento no qual a "ânsia de amor" cumpre seu papel estruturante.

▪ ▪ ▪

12 / Jeffrey Moussaieff Masson (ed. e org.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904*, trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 80.

Um texto em seu potencial de transferência e transmissão pode facilitar uma infindável riqueza de leituras e interpretações, conferindo-lhe uma dimensão de inesgotabilidade. Assim é *Luto e melancolia*, escrito sob o impacto explosivo da Primeira Guerra Mundial. Estava claro que, naquele momento, um acontecimento marcaria a humanidade de maneira radical e, em carta a Lou Andreas-Salomé, escrita em 25 de novembro de 1914, Freud afirma: "Não tenho dúvidas de que a humanidade sobreviverá até mesmo a esta guerra, mas tenho certeza de que para mim e meus contemporâneos o mundo jamais será novamente um lugar feliz. Ele é demasiado horrendo".[13]

Muito embora, de início, ele tenha demonstrado algum entusiasmo pela guerra, que o fazia sentir-se "quase um austríaco", logo foi tomado pelo desencanto, que o levou a concluir que o conflito entre homens despojou-os "de muitas coisas que amávamos, e revelou a fragilidade de tantas outras que acreditávamos sólidas".[14]

Freud confronta-se, ainda, com a possibilidade da morte de uma pessoa amada. Dois de seus filhos encontram-se na guerra, e a expectativa angustiante de notícias o acompanha. Ele será avisado de que uma bala atravessara o gorro e outra ha-

---

13 / Sigmund Freud e Lou Andréas--Salomé, *Correspondência completa*, trad. Dora Flackman. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 34.

14 / S. Freud, *A transitoriedade* [1915], in *Obras completas*, v. 12, trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 251.

via roçado o braço de seu primogênito que lutava na Galitzia.[15] Em *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* afirma:

> É evidente que a guerra afastará esse tratamento convencional da morte. Não é mais possível negar a morte; temos de crer nela. As pessoas morrem de fato, e não mais isoladamente, mas em grande número, às vezes dezenas de milhares num só dia.[16]

Uma declaração surpreendente após desenvolver um largo comentário sobre a atitude dos homens frente à morte, a dificuldade que apresentam em pensar a própria morte como uma consequência natural e inevitável, procurando negá-la, eliminá-la da vida. Não acreditar na própria morte era uma evidência que a psicanálise revelava, ou seja, a de que "no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade".[17] Essa atitude "cultural-convencional" entra em colapso quando da morte de um ente querido, momento em que perdemos nossas alegrias, esperanças e ambições, e a intensidade de um luto nos absorve e nos retrai do mundo em que vivemos.

Uma questão institucional também o atormenta. O discípulo sobre quem depositara expectativas para tornar-se seu herdeiro intelectual e desenvolver a compreensão psicanalítica das

---

15 / Cf. S. Freud e L. Andréas-Salomé, op. cit., p. 50.

16 / S. Freud, *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* [1916], in op. cit., p. 233.

17 / Id., ibid., p. 231.

psicoses de alguma maneira o trai, recusando a importância da sexualidade na gênese das neuroses, alterando assim o ponto central da teoria freudiana. O afastamento de Carl Gustav Jung implica também a perda da colaboração do grupo de Zurique sob a direção do psiquiatra Eugen Bleuler, então o grande teórico da esquizofrenia. Um outro luto é assim agregado.

Constatamos, desse modo, que o tema da morte o domina: o temor da perda de filhos amados e a iminência do afastamento de um discípulo idealizado, que lhe acenava a decisão de abandoná-lo na luta pelo avanço da psicanálise. Vive, assim, a possibilidade tanto da perda de um ente querido pela morte, como a perda, por abandono, de um discípulo igualmente querido. Podemos ainda lembrar que havia perdido Emmanuel, irmão por parte de pai, em um acidente ferroviário ocorrido um ano antes. Empreende, então, uma rica leitura, a partir de sua clínica, da circunstância em que está inserido e de fatos da própria vida.

Escrito em 1915 e publicado em 1917, *Luto e melancolia* apresenta a riqueza de refletir ao mesmo tempo um momento histórico da humanidade e do indivíduo. Entre 1910 e 1913 havia se dedicado a elaborar aquele por ele mesmo considerado seu livro favorito, *Totem e tabu*,[18] no qual expressa seu interesse

---

18 / Cf. S. Freud, *Totem e tabu*, in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 13, trad. Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

pela antropologia social e apresenta um mito de origem da cultura através da hipótese de uma horda primitiva e do assassinato do pai. Pelo remorso e pela culpa, a consciência moral faz sua aparição nos filhos, e, em consequência, surgem as primeiras organizações sociais como proteção para uma possível guerra fratricida. Já em abril de 1910, Freud havia feito perante a Sociedade Psicanalítica de Viena uma palestra que receberia, quando de sua publicação, o título *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*, no qual já havia trabalhado a relação entre o luto e a melancolia. Ainda são desse período os textos *A transitoriedade* (1916 [1915]) e *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1916), que compõem com *Luto e melancolia* uma importante trilogia.

Para muitos, *Luto e melancolia* reflete um pensamento pessimista, mas, para Freud, nada mais é que o resultado de uma leitura realista da humanidade: "Não posso ser um otimista e acredito que me distingo dos pessimistas apenas porque as coisas cruéis, estúpidas e sem sentido não me perturbam, pois desde o começo aceitei-as como parte daquilo de que é feito o mundo".[19]

Morte e desilusão são os dois temas que o acompanham. A morte esvazia o mundo, a desilusão e a tristeza abatem-se sobre o eu (ego) e do mesmo modo o esvaziam. Seguem juntos luto e melancolia, e o sentimento de vazio ganha espaço,

19 / S. Freud e L. Andreas-Salomé, op. cit., p.50.

exerce sua dominação, tornando o homem mais consciente de sua solidão.

Configura-se, naquele momento, o que hoje pode ser lido como uma "doença dos vínculos",[20] diagnóstico aplicável a muitas mazelas da atualidade, algo de desagregador no que se refere tanto à humanidade como às relações próximas entre os homens. Doença e diagnóstico que seguem outra lógica que não a lógica médica, classificatória, em busca de uma objetividade que não encontra acolhida no campo psicanalítico. Um novo conceito começa a ser elaborado: a pulsão de morte.

Ainda que Freud se queixe de que os tempos não eram propícios para um trabalho criativo, elabora o que chamará de sua metapsicologia, "puramente condicionada por fatores 'topográfico-dinâmicos', sem relação com os processos conscientes".[21] Escreve doze textos, dos quais alguns se perderam, e apenas seis permaneceram. *Luto e melancolia* encontra-se entre estes. Ganha força uma reflexão teórica não mais centrada apenas na noção de conflito e de trauma, que marca o surgimento da psicanálise, momento no qual a escuta da histeria o teria conduzido a consolidar os primeiros conceitos fundamentais de seu pen-

---

20 / Daniel Sibony, *Événements I: psychopathologie du quotidien*. Paris: Seuil, 1995, p. 203. O autor usa a expressão "maladie du lien" em referência ao "symptôme majeur des temps actuels [...] impossibilité de supporter des liens partiels, et précaires" [sintoma maior dos tempos atuais [...] impossibilidade de suportar os laços parciais, e precários].

21 / S. Freud e L. Andreas-Salomé, op. cit., p. 42.

samento, afirmando a noção central de inconsciente. Trauma e conflito perdem o brilho que mantinham antes, uma teoria do objeto começa a se desenvolver a partir da noção do luto em sua relação com a melancolia, mais especificamente uma teoria da perda do objeto. Eis aqui o ponto de maior riqueza teórica do texto, na medida em que nos transmite outra noção central da psicanálise: o objeto enquanto objeto perdido.

Desta vez, Freud apresenta um trabalho clínico construído, porém, sem que a escuta de um determinado paciente ou a leitura de um depoimento se fizesse necessária, como até então era habitual, ou seja, um "historial clínico" não ilustra as teses desenvolvidas. Uma referência é feita a "um pequeno número de casos" e, em carta a Abraham, discípulo a quem envia uma primeira versão do texto, apenas menciona um paciente a quem teria estudado durante dois meses, sem, contudo, ter obtido resultados terapêuticos.[22] É importante assinalar que a preocupação com a melancolia e a depressão está presente desde o início da criação teórica da psicanálise, e é o que nos confirma a leitura de sua correspondência com

---

22 / Cf. FREUD, Sigmund; ABRAHAM, Karl. *Correspondência*. Barcelona: Gedisa, 1979. p. 245. Abraham, em 1911, escrevera um artigo intitulado "Notas sobre a investigação e o tratamento psicanalítico da psicose maníaco-depressiva e estados afins". Freud não menciona esse artigo em seu texto, o que leva seu discípulo a escrever, em carta datada de 31 de março de 1915: "Se me permito recordar-lhe que também parti outrora da comparação da depressão melancólica com o luto, não é para reivindicar uma prioridade, senão só para sublinhar nossa coincidência".

Wilhelm Fliess,[23] que data do período germinal da psicanálise. E, ainda que tenha nos advertido de sua renúncia a "reivindicar validade universal" para as hipóteses e conclusões que apresenta em *Luto e melancolia*, a posteridade irá invalidar sua renúncia. O texto é um clássico e constitui leitura obrigatória para todo aquele que se propõe a trabalhar sobre o tema. Contém uma riqueza clínica assim como elementos para a compreensão da constituição do ser falante e das relações inter-humanas.

De início, um paralelo é estabelecido entre a melancolia e "o afeto normal do luto", seguindo o modelo desenvolvido desde quando escreveu *A interpretação dos sonhos*,[24] uma abordagem comparativa entre "a considerada normalidade e a pa-

---

23 / Cf. J. M. Masson, op. cit. Melancolia e depressão são temas presentes nessa correspondência. Não há uma distinção clara no uso dessas duas palavras, que muitas vezes aparecem quase como sinônimos, contudo podemos observar que existe uma diferença esboçada quando algumas precisões sobre a melancolia são feitas. A diversidade clínica da melancolia impede a sua definição em um quadro clínico específico, mas Freud estabelece uma estreita relação entre ela e a angústia. A noção de falta como perda ou como "um buraco na esfera psíquica" é um fator determinante na medida em que provoca o afeto do luto, afeto por excelência dessa afecção. Há ainda uma referência à morte do pai, identificação ao pai morto, ambivalência e culpa, interpretação que aproxima a melancolia da neurose obsessiva. Cf. Urania Tourinho Peres. "Dúvida melancólica, dívida melancólica, vida melancólica", in *Melancolia*. São Paulo: Escuta, 1996, pp. 28-36.

24 / Cf. S. Freud, *A interpretação dos sonhos* [1900], in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 5, trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

tologia". O luto e a melancolia coincidem no fator desencadeante, ou seja, uma perda; apresentam um quadro sintomático semelhante. Uma diferença torna-se, porém, evidente: no luto, o enlutado sabe o que perdeu, ele sofre uma perda real; na melancolia, o melancólico apresenta um sofrimento intenso de perda, uma perda que pode também ser real ou ideal, mas sem saber de fato o que perdeu na perda sofrida. Ele sabe *quem* perdeu, sem saber *o que* perdeu. A partir dessa distinção, no luto, o mundo se torna vazio, empobrecido, sem atrativos; na melancolia, é o próprio eu (ego) que é atingido, ferido, dilacerado. No luto, nada da perda é subtraído da consciência, pois o enlutado sabe o que perdeu, ao contrário do que ocorre na melancolia, na qual não há saber sobre a causa do sofrimento. Uma ferida sangra, "um buraco na esfera psíquica",[25] diz Freud, uma alma abatida. O melancólico sofre a angústia de um esvaziamento no eu (ego), um enfraquecimento do "sentimento de si", e elabora sobre ele próprio um diagnóstico construído na menos-valia, na incapacidade para viver. Torturado sobre o não saber de tanto sofrimento, incrementa o autopadecimento e se interroga: "Por que sofro tanto?".

Com muita pertinência, Marilene Carone nos chama a atenção para a repetição, no texto freudiano, de uma série de doze expressões com o prefixo *selbst* e comenta que "o termo *selbst* é aí descrito como o tempo de transformação

25 / Cf. J. M. Masson, op. cit., p. 103.

da voz ativa, não numa voz passiva, mas numa voz reflexiva média". Nesse sentido, o prefixo *selbst* corresponderia em português à "partícula apassivadora *se*" (torturar-se, punir-se etc.).[26] Essa insistência do "retorno a si" reflete a dificuldade nas relações com o Outro, limites frágeis, vínculos mal definidos, e a intensidade das autoacusações quase sempre ocupa o lugar das queixas que deveriam ser dirigidas ao Outro. Um ódio a si que encobre um ódio ao objeto. Uma grande necessidade de amor e uma incapacidade para amar, uma grande ambivalência na qual o par amor-ódio marca sua presença nas relações amorosas. O suicídio do melancólico em verdade esconde um assassinato do outro.[27] A melancolia está encoberta por uma nuvem de incertezas.

É na contribuição oferecida pela experiência do luto, pelo trabalho realizado pelo eu (ego) frente a uma perda real, que algumas pistas podem ser levantadas para elucidar, por aproximações, analogias e diferenças, o enigma da melancolia, enigma que é registrado, mais de uma vez, no texto. O enlutado apresenta um movimento de inibição e retraimento, quando tenta processar e superar o vazio da perda, mas não se autocastiga como o melancólico, a integridade do eu (ego) não é comprometida. É nesse ponto de diferença que Freud vai situar a predisposição à melancolia. Um acontecimento

---

26 / Cf. Freud, nesta edição, nota 3, p. 46.
27 / Carone observa que Freud usa a palavra *Selbstmord* [suicídio], literalmente *autoassassinato* (cf. Freud, 1992, nesta edição, nota 3, p. 46).

precoce e irreparável ocorre e impede o bebê de atravessar, sem danos, as etapas iniciais de sua existência como falante. Narcisismo, expressão absorvida por Freud para indicar esse patamar de entrada no mundo dos falantes, esse encontro matricial com o Outro, esse enfrentamento do objeto, início da constituição do eu. A mãe é sempre evocada para responder por esse acontecer e nesse momento grava-se a doença, ou a matriz da doença: doença do narcisismo. Uma doença não regida pelas leis da medicina, apesar dos avanços da psiquiatria e da eficácia maior ou menor dos antidepressivos. E exatamente por essa particularidade os melhores tratados sobre ela são relatos, depoimentos de grandes escritores, poetas que padeceram desse sofrimento: Flaubert, Proust, Virginia Woolf, Fitzgerald, Primo Levi, Sylvia Plath, Baudelaire, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, William Styron, Clément Rosset, Clarice Lispector, entre outros.

Por que doença do narcisismo? Freud inspirou-se no mito de narciso, flor do luto e da morte, quando sentiu a urgência de levantar hipóteses sobre a formação do eu (ego). Preocupava-se com a questão das psicoses e, em 1914, escreveu *Introdução ao narcisismo*.[28] Narciso foi aquele que, ao se contemplar nas águas de uma fonte, fascinado pela beleza de sua imagem, enamora-se

28 / Cf. S. Freud, *Introdução ao narcisismo* [1914], in *Obras completas*, v. 12, trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

dela. Desesperado por não poder alcançar o objeto de seu amor, morre à beira d'água. De seu corpo ferido e sangrando surge uma flor: o narciso. Entre ele e sua imagem faltou a presença de um terceiro, que o retirasse da trama especular. Faltou-lhe a presença desse Outro que lhe daria reconhecimento, matriz do sentimento de si, base da formação do eu (ego). Narciso fica aprisionado na fascinação de olhar a própria imagem como se fosse um outro.

Na melancolia, quando há perda de uma pessoa amada "por real ofensa ou decepção", a resposta não ocorre "dentro da normalidade", através do encontro de um substituto. A libido retorna ao eu (ego), e uma identificação com o objeto perdido acontece, ou seja, "a sombra do objeto cai sobre o eu (ego)", e o objeto abandonado transforma-se em perda no eu (ego), cuja consequência é transferir o conflito com a pessoa amada para um conflito interno ao eu (ego). Ocorre uma bipartição entre "a crítica do ego e o ego modificado pela identificação". O retorno da libido ao eu (ego), sua retirada do mundo externo promove "um estado de narcisismo". Estado confusional entre o eu (ego) e o Outro.

A preocupação em compreender o mecanismo da melancolia surge desde os primórdios da psicanálise. Entretanto, teorizar sobre o luto é um grande avanço, não apenas na tentativa de desvendar o enigma da melancolia, mas também conferindo a ele um lugar de capital importância na gênese da condição humana. Assim, o luto e a melancolia no pensamento e no texto freudiano vão além de uma preocupação apenas diagnóstica e clínica.

O homem, o ser falante, se constitui pelo rompimento de sua harmonia com a natureza e, ao ter de abdicar de um destino guiado pela força instintiva, é impelido a tecer a singular trama pulsional de sua vida. A criança chega ao mundo expulsa de seu acolhimento natural. Ao nascer, ao perder o envoltório protetor da placenta, ela perde – perda materializada pelo corte do cordão umbilical; ao enfrentar o desmame, outra perda. E não é difícil acompanharmos as sucessivas perdas que a inserção no universo simbólico impõe e, em consequência, verificarmos o lugar do luto e seu trabalho ao longo de nossas vidas.

O que de fato é perdido quando todas essas perdas acontecem? Arriscaríamos dizer que luto e melancolia muitas vezes partilham uma mesma indagação, e que essas perdas que acontecem ao longo da vida poderão ou não ser significadas, simbolizadas, e receber um sentido que as farão caminhar na direção de um luto; em contrapartida, outra vicissitude poderá também ter lugar, e a perda ou as perdas permanecerem no vazio da falta de sentido, questão central da melancolia, materializada na dor da existência. Nessa direção, a procura do sentido da vida, a interrogação sobre a própria identidade ("Quem sou?") e o questionamento da existência ("Como existo?") justificam a relação entre a genialidade e a melancolia, tão presente na Antiguidade.

> Por que razão todos os que foram homens de exceção, no que concerne à filosofia, à ciência do Estado, à poesia ou às artes, são manifestamente melancólicos, e alguns a ponto de serem tomados por males dos quais a bile negra é a origem, como con-

tam, entre os relatos relativos aos heróis, os que são consagrados a Hércules?[29]

Será o melancólico um enlutado na vida, aquele que não consegue uma resolução para suas perdas?

Freud insiste no que denomina "trabalho do luto". Ele não menciona os rituais através dos quais, ao longo da história, o homem pranteia seus mortos, porém, ao marcar o luto como ato, o luto como trabalho do eu (ego), chama a atenção para as consequências do abandono e do esquecimento desses rituais como processos de simbolização da dor.

O trabalho do luto, em princípio, insere o indivíduo na busca permanente do reencontro, e, na medida em que o perdido não pode ser reencontrado, o objeto amado ganha existência como objeto desaparecido e deixa em seu rastro a ânsia desejante, companheira constante do homem. Foi a partir desse ponto que o psicanalista francês Jacques Lacan elaborou o que considera a sua invenção fundamental no campo teórico da psicanálise, ou seja, o conceito de "objeto a", enquanto objeto causa do desejo.[30] O desejo se estrutura, então, a partir de um luto pri-

---

29 / ARISTÓTELES. *O homem de gênio e a melancolia*. Trad. do grego Jackie Pigeaud. Trad. para o português Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998. p. 81.

30 / No Seminário *A angústia*, Lição IX, de 23 de janeiro de 1963, diz Jacques Lacan sobre o seu conceito "objeto a": "Este *a*, objeto de identificação, para sublinhar com uma referência nos próprios pontos que se sobressaem da obra de Freud, é essencialmente a identificação que está no princípio do luto, por exemplo".

mordial, um luto essencial, que tece sua trama existencial na impossibilidade e na insatisfação, pois é da condição desejante o impedimento de sua plena satisfação.

Eis uma das lições que nos dá a psicanálise: enquanto seres de fala, somos frutos de uma perda. Trauma de nascimento, desmame, complexo de intrusão, Édipo, castração etc. são indicadores que nos fazem manejar teoricamente nossa caminhada pela vida, regida e determinada pelas vicissitudes de nosso encontro com o Outro.

Hoje, o que diria Freud sobre seu tema, quase cem anos depois, e o que nós podemos dizer? Seguramente, retiraria as reservas com que lançou suas hipóteses e as confirmaria. Já em 1923, quando escreve *O eu e o id*,[31] declara suas teses exitosas, lamentando apenas não ter enfatizado, como deveria, o processo de identificação com o objeto perdido.

Se, de alguma maneira, demonstrou de início uma preocupação nosográfica através do paralelo entre o luto e a melancolia, seu pensamento, entretanto, o conduziu para a questão da própria gênese do ser falante.

Luto e melancolia ocupa um lugar de capital importância na totalidade da obra freudiana. Nem todos assim o consideram, pois sabemos que um texto, em seu poder de transferência,

---

31 / Cf. S. Freud. *O eu e o id*. [1923], in *Obras completas*, v. 16, trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 13-74.

permite várias e diferentes leituras. Assim, devo dizer que faço parte do grupo que guarda uma devoção especial a essa lição, e isso decorre do lugar de importância que atribuo à dor da existência, à dor matricial, originária, que nos constitui. Entramos no mundo através do grito e do choro. Um corte, as perdas placentárias, o desamparo decorrente de uma prematuridade que antecipa a nossa dependência a um acolhimento, a um reconhecimento, colocando-nos à mercê de um olhar, uma voz, um corpo que aleita e alimenta. Sabemos a complexidade desse tempo de origem, que deixará suas marcas ou ausências de marcas a selar o nosso destino. Tempo fundamental de encontro ou de desencontro. A mãe, figura central na composição desse cenário, seu olhar vazio que atravessa o bebê ou sua contemplação terna e quente, sua voz desarmônica ou transmissora de sonoridade, harmonia reconfortante, seus gestos rígidos ou seus afagos carinhosos, suas demandas ausentes ou muito presentes, a força ou o seu apagamento desejante, enfim, tantas e tantas variantes que poderão ser responsabilizadas ou não pelo não apaziguamento da dor de um vazio em que o recém-nascido se vê lançado. Uma figura acolhedora que terá a tarefa de traduzir o mundo para aquele recém-chegado, portadora que é de um universo simbólico no qual está submersa. É verdade que a mãe, ou quem esse lugar ocupa, nem sempre cumprem, com rigor, o necessário para atender ao desconforto gritante entre um momento de perda natural, biológica e uma exigência cultural. Muitas mães testemunham o choque sofrido pela passagem do filho do útero para os braços, pela estranheza ao contemplar aquele bebê que, antes, era apenas um movimento intracorporal, e muitas adoecem da chamada depressão

puerperal. Muitas, aprisionadas nas próprias dificuldades – para não dizer patologias –, têm problemas para transmitir ao filho o reconhecimento de que ele é um outro e não apenas um apêndice delas. Não conseguem imaginar o embrião como um bebê, dar um suporte imaginário, visualizar o filho pela fantasia, e ele permanece apenas como uma forma desfigurada, quando ainda em sua vida intrauterina. E o *infans* também traz uma herança complexa, "uma disposição" (afetiva e biológica) a lhe facilitar ou dificultar sua entrada nesse universo simbólico, reino de palavras.

O pai é também evocado. Lembremo-nos da considerada "tragédia da modernidade", o mito da horda primitiva no qual o assassinato, o ato de matar o pai, reúne os filhos em um laço fraterno marcado de remorso e culpa. O luto pela morte do pai transforma-se em uma identificação com o pai morto, e Freud considera que essa identificação é, também, condição para a melancolia. O amor ao pai transforma-se em uma dívida inesgotável. Em contrapartida, a exaltação pelo triunfo da morte desse pai onipotente pode indicar a compreensão da mania muitas vezes companheira da melancolia. Sabemos que a mania e a melancolia podem caminhar em tempos alternativos, ora uma, ora outra marcando sua presença.[32]

---

32 / Alguns psicanalistas fazem a leitura da melancolia enfatizando "o complexo paterno": pai cruel e onipotente, identificação ao pai morto. O próprio Freud considera a identificação ao pai morto como determinante da melancolia. Outros encontram melhor resposta no "complexo materno". Creio que só o nosso analisante pode nos indicar o caminho e, na maioria das vezes, temos de chegar ao "só-depois" para bordejar uma conclusão. De nossa

A melancolia é uma "afecção do narcisismo", o que pode ser traduzido como um comprometimento decorrente do encontro primitivo com o Outro, do vínculo originário, fundador. E aí já está quase tudo o que pode ser afirmado com segurança, pois as teorias são inventadas, e construídas inferências e deduções teóricas a partir do que é escutado, observado e lido. Pode-se acreditar mais ou menos nas fórmulas diagnósticas, tranquilizadoras, entretanto, coerentes com a psicanálise, sabemos que um enigma permanecerá ainda que bordejado. E o enigma nos faz trabalhar. Mas é importante ir sempre além em nossa contemplação. Não há diagnóstico possível para determinar integralmente a singularidade de cada ser falante. As vicissitudes da entrada na vida são incontáveis em seus variados matizes. Cada melancólico é um melancólico, cada deprimido é um deprimido, e assim, em verdade, deveríamos dizer sempre: as melancolias, as depressões. Aqui chegamos a essas duas palavras que se confundem no linguajar comum e preocupam os psicanalistas na tentativa de traçar limites, precisar diagnósticos, herança da psiquiatria.[33] De alguma maneira, a psicanálise contribuiu para democratizar os diagnósticos, retirando-os do consultório médico, e dizer-se melancólico ou deprimido pode

---

parte, preferimos não excluir qualquer leitura. A teoria psicanalítica guarda a particularidade da não superação de suas teorias, de poder fazer coexistir diferentes leituras.

33 / Em *Luto e melancolia*, Freud usa a palavra "depressão" para referir-se a "depressões de tipo obsessivo" e em contraposição à mania "depressão e inibição da melancolia". (Freud, 1992, pp.134-38). Na correspondência

querer revelar um momentâneo estado de desânimo e de tristeza. É frequente, em um momento de abatimento, apatia ou mesmo cansaço, alguém dizer: "Hoje estou deprimido", que equivaleria a dizer: "Estou triste"; e da mesma maneira afirmar: "Estou melancólico hoje".

Quando Adolf Meyer enfatizou a palavra "depressão"[34] no campo da psiquiatria, a sua acolhida foi forte, pois de alguma maneira essa forma de denominar o sofrimento indicava um quadro de diminuição das condições vitais do paciente e, por outro lado, reagia contra a aura romântica e a proximidade com a genialidade, condições que os tempos pretéritos haviam sublinhado. A palavra "depressão" moldou-se melhor às investidas da psicofarmacologia, que, apostando na ideia de um *deficit*, podiam com êxito oferecer pílulas corretoras. A multiplicidade de aspectos, condições de eclosão e mecanismos desenvolvidos, ainda que apresentando um lastro comum, levaram os psiquiatras a usar a expressão *perturbação do humor*, que de alguma maneira organizava melhor o diagnóstico, conferindo-lhe

---

a Fliess (Cf. J. M. Masson, op. cit.), refere-se tanto à melancolia como à depressão, situando-as dentro das neuroses de angústia. Não apresenta, contudo, uma preocupação em precisar uma distinção. O seu interesse em teorizar, sobretudo a melancolia, nos permite fazer uma leitura que propicia o entendimento da diferença.

34 / A partir de 1860, o termo "depressão" começa a aparecer nos dicionários médicos, restringindo-se o uso da palavra "melancolia". Esquirol considerava que a palavra "melancolia" deveria ser deixada aos poetas. Cf. Táki Athanássios Cordás. *Depressão: da bile negra aos neurotransmissores – uma introdução histórica*. São Paulo: Lemos, 2002, p. 70.

amplitude. As sucessivas revisões do *Manual diagnóstico e estatístico das perturbações mentais* tiveram a preocupação de tornar o diagnóstico o mais objetivo possível, evitando-se um excesso de julgamento pessoal do médico. A expressão "melancolia" foi sendo excluída, e, em 1994, no DSM IV, aparece como uma característica do Transtorno Depressivo Maior. No CID 10 (Classificação Internacional de Doenças – OMS, 1993), a palavra "melancolia" é abolida, surgindo mais de 25 tipos e subtipos de depressão catalogados.[35]

A psicanálise, em verdade, nunca conseguiu desprender-se da medicina, da nosografia psiquiátrica, ainda que o raciocínio e a lógica dos dois campos sejam distintos. O psicanalista acredita na existência e na força do inconsciente e ele deve saber que sua tarefa "diagnóstica", a procura de uma leitura possível de seu analisante, é muito mais apurada e lenta, pois ela joga com a complexidade e a singularidade das subjetividades. Da mesma maneira que não encontramos, em toda a humanidade, dois corpos iguais, dois rostos exatamente iguais, também não encontramos duas almas, mentes ou psiquismos iguais. Podemos tentar agrupamentos, porém serão sempre forçados, manipulados e insuficientes e, muitas vezes, valorizados pela necessidade sentida de diminuir a angústia do não saber. A perversão, a neurose e a psicose reúnem uma pluralidade de variantes que apenas permitem aproximações, pois a palavra que singulariza cada ser falante, essa palavra falta no grande Outro.

35 / Id., ibid., p. 94.

Freud não ficaria indiferente às recentes descobertas da neurociência. Sabemos que, em muitos momentos, se referia aos possíveis avanços da ciência, às futuras descobertas enriquecedoras desse caminho sem fim de buscar a compreensão do humano. Ele bem saberia absorver as "novidades científicas", sem sair das vias que inaugurou. Não seria mais possível retroceder à descoberta do inconsciente.

Pensar as melancolias a partir da hipótese do ponto originário de nossa constituição pode ajudar a perceber a gravidade do desespero que nos é transmitido por uma pessoa imersa na angústia aterradora que a paralisa frente à vida, como se estivesse a vislumbrar, sentir e escutar sempre o "nada" que foi devolvido a seus apelos precoces. Não é por acaso que o atirar-se no vazio do espaço é uma das formas de suicídio escolhida pelos melancólicos.

Muitas vezes, a palavra "melancolia" foi usada na psiquiatria para diagnosticar quadros de "gravidade maior". A distinção, contudo, não é quantitativa e sim qualitativa, pois podemos encontrar depressões também intensas. Em verdade, é possível ancorar na diferença entre um "não acontecido" ou um "acontecido insuficiente ou defeituoso".[36] O *infans* não recebeu o embalo acolhedor e agregador de Eros e permanece sob o abraço mortífero de Tanatos. A pulsão de morte adquire força em *Luto e melancolia*.

---

36 / Uma leitura possível para um acontecimento ou um acontecimento insuficiente: "Lacan nos chama a atenção para o fato de que, no processo do desmame, é o bebê que se desmama, ele tem que ceder o seio, doá-lo, mas, para que isso possa acontecer, é necessário que, em um primeiro tempo,

Na primeira parte deste texto, usei a expressão "doença dos vínculos", uma expressão que me ajuda a pensar a clínica. Qual a modalidade vincular, qual a tonalidade dos laços que comunicam, que afetam, enfim, como o Outro entra ou não na vida de cada um? Como o véu das palavras encobriu com sua força modeladora e configurou, formando, mas também alienando? A escuta de nossos pacientes – suas diferentes formas discursivas – nos conduz a encontrar distinções traduzidas em um estar fora ou dentro do discurso que estabelece o vínculo social, regidos ou não por uma lei internalizada.

O texto que comentamos não permanece na dualidade neurose-psicose, pois surge uma terceira modalidade: a neurose narcisista – a melancolia é uma neurose narcisista. Uma categoria nosográfica é inventada para nos retirar da dualidade empobrecedora. A melancolia, expressão maior da nossa dor de existir, transporta um enigma, e temos de pensá-la em sua singularidade: nem simplesmente neurose, nem simplesmente psicose, ou seja, uma maneira de estar no mundo sem a reclu-

---

a mãe tenha feito a doação e tenha sofrido o seu luto. Somente assim a criança pode também fazer o seu luto, pela perda da cessão do objeto. Ponto de fundamental importância em toda a dinâmica da melancolia. Se o objeto não é perdido, se ele não se destaca da Coisa [*das Ding*], se ele não se presentifica como um resto, o sujeito não poderá fazer o luto pela perda do absoluto, ficando, pois, aprisionado a um gozo, signo de uma castração não sofrida e de um impedimento, ou uma dificuldade, na entrada ao mundo e na ordem simbólica". Urania Tourinho Peres. "Melancolia e criação", in *Mosaico de Letras: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1999, p. 100.

são do louco, sem o repúdio radical à realidade externa, como também sem a entrega e a submissão aos imperativos do Outro. Ao abrir espaço para uma neurose narcisista, uma fronteira estava sendo abalada, e uma inquietação surgia.

A melancolia recebeu, por aqueles que a estudam e também pelos que a sofrem, várias denominações: sol negro, demônio do meio-dia, sombras sem fim, trevas, certeza infeliz, acédia, apatia, tédio etc. Ela expõe a ferida e a dor, retrata nossa miséria, nos denuncia. E Freud interroga: "[...] por que é preciso adoecer para chegar a uma verdade como essa"?[37] Mas que verdade? A verdade da nossa insignificância, da nossa razão enganosa. Tomemos a palavra de Cioran: "*... celui qui ne connaît point l'ennui se trouve encore à l'enfance du monde, où les âges attendaient de naître*" [aquele que não conhece o tédio encontra-se ainda na infância do mundo, onde as épocas estão por nascer].[38]

Olhemos para o mundo de hoje e vejamos que leitura pode-se fazer do mal-estar presente na atualidade, nossa contemporaneidade, quando se confere às depressões o lugar de sintoma maior da modernidade. Digo sem vacilação, seguindo o texto comentado, que o homem não caminha sem seus lutos e suas culpas. Ele pode tentar evitá-los, negá-los; entretanto, tenhamos a certeza de que, ainda que metaforizados em sintomas, eles sinalizam suas presenças. A desilusão, a descrença, a

---

37 / Freud, 1992, p. 133.
38 / Apud Patrice Bollon, "Cioran: la révélation de l'insignifiance universelle", *Magazine Littéraire*, n. 40, ago. 2001, pp. 58-59.

instabilidade, a insegurança, o medo, a inibição, a ansiedade e a falta de perspectiva futura do homem contemporâneo nos permitem dizer que a humanidade, através de uma força ao mesmo tempo criadora e destruidora, vive sob o peso de um luto que procura negar e de uma culpa da qual não consegue se eximir. O século XX foi considerado o século mais violento da história, o que apresentou maior número de mortes por assassinato, em que a guerra deixou de existir apenas nos campos de batalha, invadiu as casas, e o número de civis mortos ultrapassou o de militares em quase todos os países participantes do conflito.[39]

Freud não mais se preocuparia, como em 1915, com a diferença entre combatentes e não combatentes:

> Entre os fatores responsáveis pela miséria psíquica dos não combatentes, contra os quais é tão difícil eles lutarem, gostaria de destacar dois e abordá-los aqui. Eles são: a desilusão provocada pela guerra e a diferente atitude frente a morte, à qual ela – como todas as guerras – nos obrigou.[40]

Hoje, a guerra invade as casas, a televisão nos coloca como espectadores, os conflitos entre povos surgem como espetáculo, e a "miséria psíquica dos não combatentes" transforma-se em culpa.

---

39 / Eric Hobsbawm. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*, trad. Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 21.

40 / S. Freud, *A transitoriedade*, op. cit., pp. 210-11.

O século atual não está sendo mais complacente que o anterior nas causas de sofrimento: terrorismo e violência nos conflitos, angústia nuclear, uma grande crise econômica, instabilidade e desemprego, corrupção, descrédito nas figuras de autoridade. E, ao lado das lutas segregacionistas e fratricidas, o movimento de uma globalização perturbadora das diferentes identidades.

Pesquisas sociopsicológicas indicam o crescimento assustador de diagnósticos de depressão, assim como o do uso de antidepressivos. A medicalização da vida é questionada, mas caminha vertiginosamente, impulsionada pela indústria farmacêutica e pela urgência da vida a exigir a rápida resolução de seus problemas. Não podemos, contudo, responsabilizar as indústrias farmacológicas, pois elas cumprem seus objetivos.

Talvez por tanto se falar em tristeza e depressão, um tema voltou a preocupar pensadores e políticos: a felicidade. Se, na Antiguidade, a boa vida e a felicidade estavam no centro da preocupação filosófica e eram tema de muitos debates, tudo indica que de alguma maneira a procura de bem-estar como aspiração suprema da vida deixou de ter a importância de que gozava naquela época. Quando as depressões atingem o patamar de pioneiras nas pesquisas que investigam as "doenças da atualidade", assumindo curiosamente um caráter epidêmico, a preocupação com a felicidade ressurge. Pensadores como Alain Badiou, Zygmunt Bauman, Luc Ferry, André Comte-Sponville, Gilles Lipovetsky e outros lançam de alguma maneira um alerta contra o esquecimento da felicidade.

Vejamos o que nos diz Freud em *O mal-estar na civilização*, escrito quinze anos após *Luto e melancolia*. Um quase depoimento na etapa final da vida. Uma avaliação rigorosa da humanidade:

> [...] o que revela a própria conduta dos homens acerca da finalidade e intenção de sua vida, o que pedem eles da vida e desejam nela alcançar? É difícil não acertar a resposta: eles buscam a felicidade, querem se tornar e permanecer felizes.[41]

O homem apenas consegue lutar contra o desprazer e a dor. A felicidade é somente um acontecer momentâneo, e a infelicidade sempre mais fácil de ser experimentada. Para ele o sofrimento nos ameaça a partir de três direções: da fragilidade de nosso corpo condenado ao envelhecimento e à morte, da prepotência da natureza que pode nos atacar com violência e, por último, do relacionamento entre os homens, pela insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade.[42] A maior fonte de infelicidade parte dessa terceira direção, e não há dificuldade alguma em confirmar suas afirmativas nos tempos atuais.

Vamos tentar uma breve análise dessas fontes de mal-estar, relacionando-as com o incremento dos quadros depressivo-melancólicos, procurando enquadrá-los a partir da constatação freudiana de uma "afecção do narcisismo". Perguntemos: "O homem hoje é mais vulnerável às feridas narcisistas? O homem contemporâneo está mais sujeito a perdas e lutos?".

Antes de redigir *Luto e melancolia*, Freud escreveu *Introdução ao narcisismo*[43] [1914] e lançou dois conceitos clinicamente im-

---

41 / S. Freud, *O mal-estar na civilização*, op. cit., pp. 29-30.

42 / Id., ibid., p. 43.

43 / Cf. nota 28.

portantes: eu (ego) ideal e ideal do eu (ego). Muito do embate entre essas duas "instâncias", ou seja, a forma ideal possível que cada um atinge *versus* os ilimitados ideais a que aspira, está presente nas análises e descrições da inserção do homem na vida atual. O termo "narcisismo" passou inclusive a ser empregado para traçar o perfil do homem contemporâneo, individualista, muito preocupado consigo próprio, com seu corpo e com seu sucesso profissional e econômico. Um homem mais voltado para si e mais indiferente ao outro. Um excesso de atenção ao bem-estar no presente, afastamento das tradições, mudança de valores, pouca preocupação com a visão histórica do passado. Há autores que chegam a denominar narcisista o homem da pós-modernidade.

Expressões têm sido usadas para qualificar esse "homem da atualidade", assim como muitos "cultos" encontram-se revelados. Fala-se em "era do hiperconsumo", na "maldição ou miséria da abundância", no "desespero da competitividade", conduzindo à máxima da "valorização do desempenho", seja no trabalho, no sexo, no esporte. A vida parece não oferecer barreiras para a autorrealização, e os imperativos de gozo tornam-se cada vez mais exigentes; no entanto, as barreiras existem, e, em consequência, as perdas se avolumam. E o homem tem de elaborar o luto de suas não realizações, dos sonhos não atingidos. Se tanto é permitido, só a insuficiência, a incapacidade pode justificar não atingir patamares de excelência. E o homem se deprime. Não é por acaso que se corre tanto hoje, quando as maratonas viraram moda. O corredor vive uma luta constante para ultrapassar seus próprios limites, uma obsessão de veloci-

dade. Entramos em uma verdadeira "era da maratona", na qual o tempo urge, e todos querem disputar um lugar.

As exigências com o corpo assumem proporções surpreendentes e geram as insatisfações. O corpo é manipulado, transformado, exposto, atacado. Pensemos na body art, tatuagens e piercings, na anorexia e na bulimia, nas cirurgias para embelezamento e rejuvenescimento e, ainda, no poder da medicina, sua farmacologia, para atuar na vida sexual, no sono, na alegria, na fome, no emagrecimento, assim como no momento da morte. A medicina muitas vezes impede o processo natural da morte, e o indivíduo passa a ter uma vida artificial controlada por aparelhos.

A natureza tem sido feroz e nos alerta com vigor – tsunamis, tornados, furacões, vulcões em erupção, tempestades, chuvas e secas, alterações de temperatura, calor e frio insuspeitados –, levando os homens a se reunirem em encontros e congressos para discutir o aquecimento global e perceber as ações de destruição cometidas e que necessitam ser evitadas. O homem mostra sua paradoxal capacidade criadora-destrutiva. O descuido com a Floresta Amazônica é um dos muitos descalabros praticados contra a natureza.

A família não está excluída de todas essas transformações e apresenta uma configuração bastante diversificada. A facilitação das separações e os sucessivos casamentos criam uma família alterada tanto no que se refere à conjugalidade como à parentalidade. As figuras de pai e mãe se sucedem e muitas vezes se acumulam, assim como se amplia a de fraternidade. Essas transformações não deixam de ter consequências para a recepção de um recém-nascido e para o atendimento de todas as suas

necessidades. Sem falar nas jornadas de trabalho tanto do pai como da mãe e na retirada precoce do *infans* de seu ambiente habitual. Filhos e pais são expostos a perdas e, em decorrência, ao luto. Fatores de melancolização e de depressividade podem estar mais atuantes do que possamos pensar.

Em 19 de junho de 1923, Freud perde seu neto preferido, Heinz, de quatro anos e meio. Poucos dias antes, estando já a criança com muitos momentos de coma, escreve aos amigos Kata e Lajos:

> Na realidade, é um garotinho encantador, e eu mesmo me dava conta de que jamais havia amado tanto um ser humano e, decididamente, nunca a um menino. [...] Acho essa perda muito difícil de suportar. Não creio haver experimentado jamais uma pena tão grande. [...] Trabalho por pura necessidade pois, fundamentalmente, tudo para mim perdeu o significado.[44]

Após a morte, escreve a Joan Riviere: "Ao morrer levou consigo uma parte de nossa alegria de viver".[45] E a Max Halberstadt: "Passei alguns dos dias mais negros de minha vida de pena pelo menino. Enfim, me dominei e posso pensar nele tranquilamente e falar dele sem lágrimas. Mas o auxílio da razão não serve".[46]

---

44 / Nicolas Caparrós (ed.), *Correspondencia de Sigmund Freud*, t. 4. Madri: Biblioteca Nueva, 1999, p. 481.

45 / Id., ibid., p. 483.

46 / Id., ibid., p. 484.

Três anos depois, recebe uma carta de Ludwig Binswanger, comunicando o falecimento de um filho. Responde e confessa ao amigo que a notícia havia

> [...] feito reviver uma lembrança – insensata! – que jamais foi atenuada [...] após a morte de Heinele, não suporto mais a companhia de meus netos, e mesmo não tenho mais gosto pela vida. Aqui está o segredo de minha indiferença – o que se chama de coragem – diante de meu próprio risco de vida. [...] Vocês são bastante jovens para superar essa perda, eu não sou mais capaz disso.[47]

Freud revela, assim, sua impossibilidade de superar a perda. Não há eficácia para o "trabalho do luto", não há tempo. No mês de abril, ele havia sido operado de um tumor no maxilar. Os médicos não revelaram de imediato a malignidade, mas ele sabia que o fantasma da morte o acompanhava. Entretanto, a dor maior estava na perda de Heinz. Que teria perdido Freud, quando a criança o deixou? Ele responde: perdi o sentido da vida, tudo faço por necessidade. Apagou-se o desejo.

A psicanálise prossegue, depositária que é da singularidade da dor da existência de cada um, pois as palavras faltam na sua

---

47 / S. Freud e Ludwig Binswanger, *Correspondance,1908-1938*. Gerhard Fichtner (ed.). Paris: Calman-Lévy, 1995, p. 264.

impossibilidade de tudo significar, e o sentido da vida necessita permanentemente ser reconstruído. Mas nem sempre o homem consegue fazê-lo. A perda daquela criança, a mais inteligente e amorosa que Freud havia encontrado, fechou sua vida com um luto insuperável. Ainda não sabia o sofrimento que lhe estava reservado pela doença e pelo nazismo; porém, de uma coisa tinha certeza: uma ferida se abrira em sua alma e começara a sangrar até o dia em que resolveu morrer.

Freud havia pedido a seu médico Max Schur que o fizesse morrer quando não mais suportasse o sofrimento do câncer. Em 21 de setembro, ele toma as mãos de Schur e diz: "Meu querido Schur, certamente se lembra de nossa primeira conversa. Daquela vez prometeu não me abandonar quando o momento chegar. Agora, só resta a tortura, que já não faz sentido". Schur acrescenta: "Tudo isso foi dito sem sentimentalismo nem autocompaixão e com plena consciência da realidade". Uma pequena dose de morfina fechou-lhe a ferida que sangrava e o mergulhou em um "sono pacífico".[48] Em 23 de setembro de 1939, às três da madrugada, parte Sigmund Freud e nos deixa o legado de continuar a sua luta contra a dor da existência.

48 / Max Schur, *Sigmund Freud: enfermedad y muerte en su vida y en su obra*, v. 2. Buenos Aires: Paidós, 1980, pp. 771-72.

Índice onomástico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freud, Sigmund [1856-1939]
Luto e melancolia: Sigmund Freud
Título original: *Trauer und melancholie*
Textos: Maria Rita Kehl, Modesto Carone,
Urania Tourinho Peres
Tradução, introdução e notas: Marilene Carone
São Paulo: Cosac Naify, 2011
144 pp.

ISBN 978-85-405-0101-0

1. Freud, Sigmund, 1856-1936 2. Luto - Aspectos psicanalíticos
3. Melancolia - Aspectos psicanalíticos
4. Psicanálise I. Kehl, Maria Rita.
II. Carone, Modesto. III. Peres, Urania Tourinho.
IV. Carone, Marilene. V. Título.

11-13090 CDD-155.937

Índices para catálogo sistemático:
1. Luto e melancolia: Psicanálise: Psicologia 155.937

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2º andar
01223-010 São Paulo SP
[55 11] 3218 1444
cosacnaify.com.br
atendimento ao professor [55 11] 3218 1473